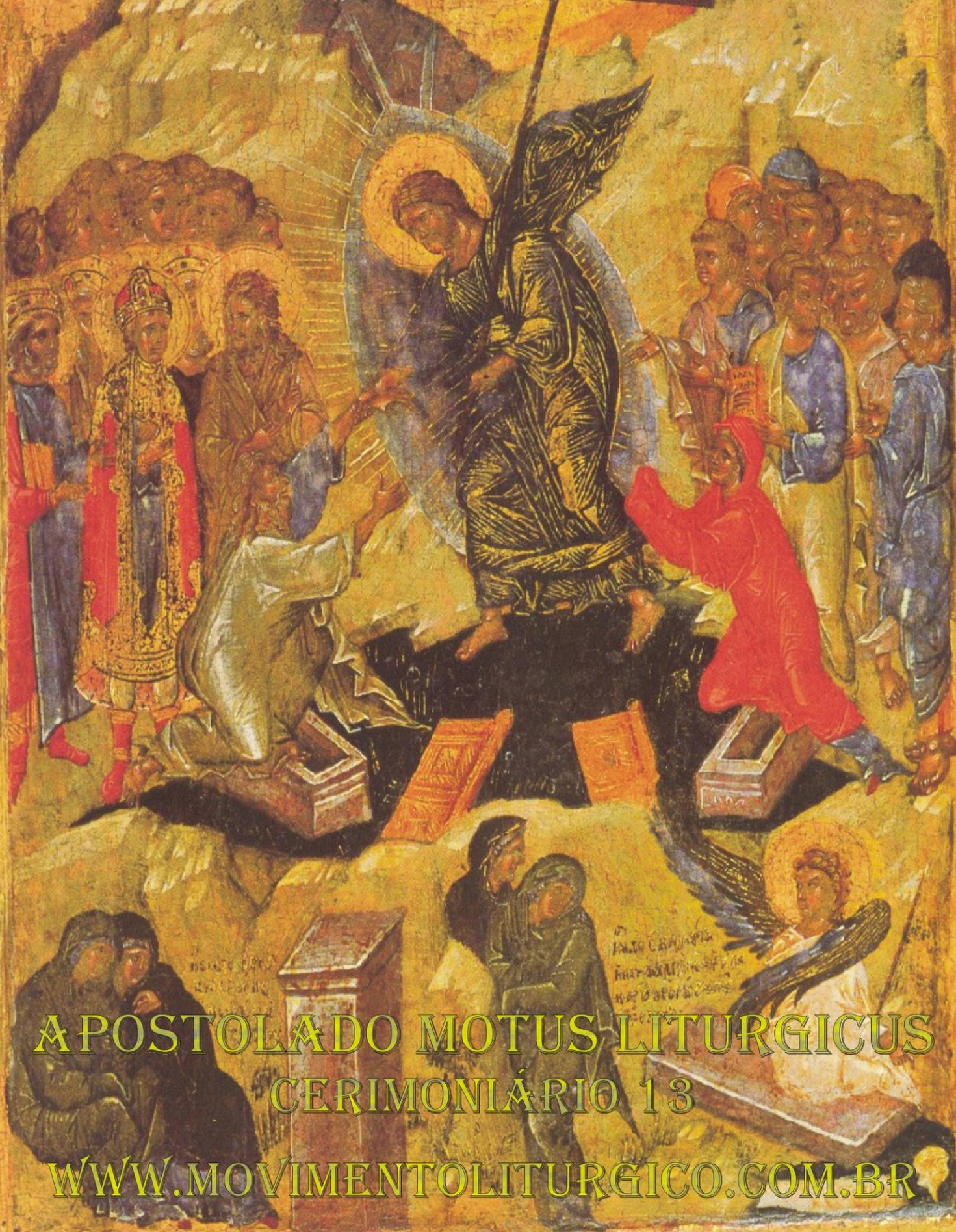


CERIMONIAL DA SEMANA SANTA



APOSTOLADO MOTUS LITURGICUS
CERIMONIÁRIO 13

WWW.MOVIMENTOLITURGICO.COM.BR

APOSTOLADO MOTUS LITURGICUS

CERIMONIAL DA SEMANA SANTA

Com o Rito da Missa Solene, Domingo de
Ramos e Tríduo Sacro

Apostolado Motus liturgicus

01/01/2010

Sumário

INTRODUÇÃO	3
I – De Uma Santa Missa Solene em geral	4
Parte I - Preparação Remota.....	6
Parte II – Do Rito	9
Parte III - Apêndices	17
II – Santa Missa do Domingo de Ramos e Paixão do Senhor	18
Preparação Remota.....	20
Rito.....	21
Apêndices	26
III – Santa Missa da Instituição do Sacerdócio e da Santíssima Eucaristia com Lava-pés 27	
Preparação Remota.....	29
Rito.....	30
Apêndices	35
IV – Solene Ação Litúrgica da Paixão do Senhor	36
Preparação Remota.....	38
Rito.....	39
Apêndices	45
V – Sábado Santo	46
VI – Solene Vigília Pascal	47
Preparação Remota.....	50
Rito.....	51
Apêndices	62
VII – Bibliografia	63

INTRODUÇÃO

Este Cerimonial tem por objetivo explicitar todos os Ritos que se desenvolvem durante a Semana Santa de uma forma simples e didática. A idéia de juntar os suplementos “Cerimoniário” em apenas um teve um único e simples motivo: auxiliar a equipe litúrgica em geral (desde as pessoas que limpam e adornam a igreja até o Cerimoniário e, sem pretensões, o próprio sacerdote celebrante) com um documento que contivesse toda a informação necessária para o bom andamento das celebrações.

Este suplemento começa com uma idéia geral sobre o que é e como se celebra uma Missa Solene, porque ela será a base para as celebrações das Santas Missas de Domingo de Ramos, Quinta-Feira Santa e da Vigília Pascal (esta última especificamente). Seguida de um detalhado resumo de cada uma das celebrações paroquiais (isso exclui a dita “Missa do Crisma”) da Semana Santa.

Lembramos que, para a melhor compreensão e, ao mesmo tempo, imersão no Mistério Celebrado, devemos obedecer as normas que nos pedem a Santa Igreja nas Celebrações, porque a Celebração não é algo que pode ou deve ser modificado ao gosto do Celebrante ou da Assembléia, ao contrário, ela deve expressar em primeiro lugar a centralidade do Mistério Celebrado, em seguida, a catolicidade (universalidade) do mesmo. Assim, este suplemento não inventou regras ou entrou em processo “criativo” onde não nos é permitido, ao contrário, apresenta o cerimonial como pede a Santa Igreja dissecado passo a passo, de forma simples e ilustrativa, para evitar confusões ou más interpretações. Foi usado como base uma bibliografia que inclui os livros litúrgicos, instruções do Magistério, bons livros rituais e livros de grandes liturgistas que, infelizmente, não foram traduzidos no Brasil.

Celebrar digna e corretamente a Santa Missa não é apenas importante, mas é essencial se queremos desenvolver uma fé sólida e, da mesma forma, termos uma Santa Missa bem celebrada é um direito de cada fiel católico (Instrução *Redemptionis Sacramentum* n. 12).

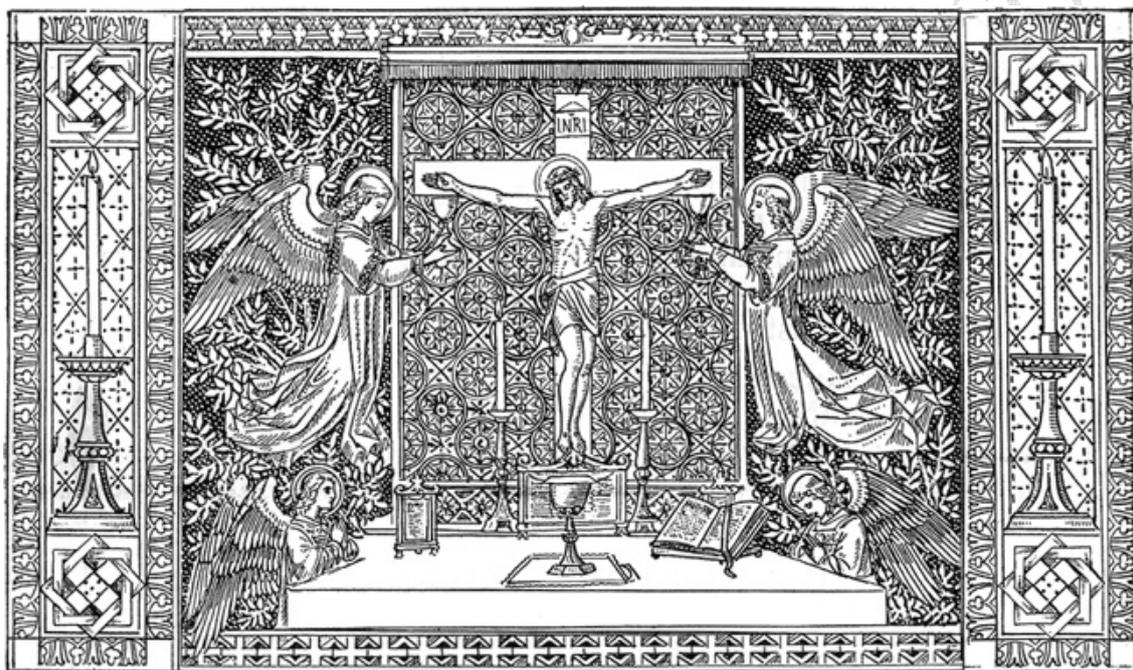
Pedimos a todos aqueles que vejam erros ou tenham sugestões sobre este material, entrem em contato conosco. Da mesma forma, todos aqueles que usarem este material fariam um imenso favor entrando em contato conosco e contando suas experiências.

Nós do Apostolado Movimento Litúrgico esperamos que este “Cerimonial” seja de algum valor para as Celebrações da Semana Maior, o centro do ano Litúrgico e que possa ajudar, mesmo que minimamente, a melhor celebração e imersão nos Santos Mistérios.

Apostolado Motus Liturgicus

2010

I – DE UMA SANTA MISSA SOLENE EM GERAL



“A Missa é o Sol da Igreja”

São Francisco de Salles

Introdução Geral

A Igreja sempre se preocupou pela bela e correta celebração da Santa Missa. A beleza vem de Deus e leva-nos a Deus. Se Deus é perfeito, e assim o cremos, Deus é infinitamente belo. Ter uma bela e correta celebração da Santa Missa nos facilita a entrar no Mistério celebrado e, assim, torna nossa participação “plena, ativa e consciente”, conforme pede o documento conciliar.

A Santa Missa, memorial da Paixão-Morte-Ressurreição de Nosso Senhor, é a mais perfeita Oração. É nela que nos encontramos com o Emmanuel, Deus-Conosco, que se faz presente, sacrificando-se, todos os dias em nossos altares. Assim, não devemos imaginar que a Santa Missa seja apenas uma ceia, uma parte da Missa sim é ceia, porém, a Missa antes de tudo é Sacrifício, o mesmo sacrifício de Nosso Senhor na Cruz, porém que acontece de modo incruento, ou seja, sem derramamento de sangue. E como o Cordeiro dos sacrifícios judaicos, também nós somos chamados a cearmos no Banquete do Cordeiro, assim, a Missa é Ceia Sacrificial, porque comungamos daquele que foi sacrificado pela nossa salvação.

Pensar na Santa Missa como uma Ceia de amigos, que se reúnem uma vez na semana pura e simplesmente para encontrarem-se e conversarem sobre as coisas boas e ruins que passaram, não é apenas insuficiente como errado. Encontramo-nos, sim, como Comunidade para louvar o Senhor e termos, com Ele, um encontro pessoal que se desdobra na Missão de batizados, de santificação nossa e do mundo, a que somos chamados.

Então, quando celebramos dignamente os Santos Mistérios nós entramos na Liturgia, deixando-a frutificar em nós. Quando a Missa é celebrada segundo as normas, não por rubricismo, mas por entendimento e fé madura, deixamos o Mistério falar por si e que Ele melhor se expresse. Para apreciarmos verdadeiramente a Liturgia é sempre importante deixá-la falar por si mesmo, sem invenções. A participação ativa de cada um depende muito de uma interiorização do Mistério celebrado do que de gestos e ações físicas, por exemplo, as palmas ou acenos de mãos (que não encontram lugar na Liturgia, por sinal).

Perto das Liturgias Orientais, especialmente as de origem bizantina, o nosso Rito Romano é simples e humilde. Assim, dentro de nossa humildade e simplicidade, devemos deixar o Rito falar com si mesmo, com a sua Solenidade e Ritmo, e elevarmos até o Mistério Celebrado.

Parte I

Preparação remota

Falamos de solenidade, de uma Missa Solene, neste caso. A solenidade em uma Celebração não se marca pelo luxo ou pela ostentação, mas com a humildade e a devoção que eleve os corações de cada um dos fieis ao encontro do Mistério Celebrado. Assim, para que isso aconteça, deve-se ter em mente dois pontos principais: a fidelidade as rubricas (porque é a Igreja, Sacramento do Deus Vivo e Esposa de Cristo, que sabe, baseada na Tradição Litúrgica de 2000 anos. como melhor apresentar o que celebra-se no Altar) e uma preparação remota minuciosa e, preferencialmente, que envolva todos os grupos envolvidos na própria celebração.

1. Organizações das diversas funções na Missa

Como devem preparar-se os grupos que exercem cada uma das funções:

Acólitos: devem ter suas funções divididas antes do início da Missa, preferencialmente junto ao Cerimoniário. Devem estar atentos a todos os momentos da Celebração. Se forem acólitos instituídos, eles podem distribuir a Santa Comunhão.

Cantores: os cantos da Santa Missa devem ser escolhidos segundo o tempo e a tônica da Celebração. Além disso, há necessidade de fidelidade as normas litúrgicas, especialmente não substituindo hinos litúrgicos por cânticos que falam uma ou duas palavras da forma original (não é porque um canto diz “Glória” que ele seria usado no Hino de Louvor). Se existe a possibilidade de canto gregoriano, segundo a própria **Instrução Geral do Missal Romano** (que será chamado, a partir de agora IGMR) **n. 41**, dá-se preferência a ele acima da polifonia, mesmo a clássica.

Cerimoniário: ou Mestre de Cerimônias, tomará conta da Celebração toda fazendo com que ela transcorra bem, deve estar atento a cada pequeno detalhe e saber exatamente tudo que acontecerá. Tomará conta, igualmente, do Missal durante a Liturgia Eucarística.

Leitores: têm o importante papel proclamarem a Palavra de Deus, assim, devem ser escolhidos com cautela (se não forem leitores instituídos) e devem ser pessoas idôneas (**IGMR 101**). Devem, preferencialmente, ter se preparado antes da Celebração para exercerem seus cargos.

Ministros Extraordinários da Santa Comunhão: a **Instrução Redemptionis Sacramentum** (de agora em diante IRS), no número **151**, diz que apenas quando for muito necessário eles devem estar presentes na Celebração Eucarística. O acólito instituído, por seu cargo, pode distribuir a Comunhão. O sacerdote celebrante deve, sempre, distribuir a Santa Comunhão e se há sacerdotes suficientes para tal não se necessita dos Ministros Extraordinários. Por não exercerem uma função litúrgica (como a de acólito), eles não são citados na Instrução geral do Missal Romano, nem em qualquer outro livro litúrgico, assim: os Ministros **não** entram

na Procissão de Entrada ou permanecem no Presbitério, **ficando junto aos fiéis** e subindo ao mesmo apenas para receber a Eucaristia do sacerdote e distribuí-la (opinião partilhada com d. Peter Elliot).

Ornamentação e limpeza: a equipe de ornamentação e limpeza é de extrema não apenas por embelezar o Santuário, mas também por manter sua ordem. Na parte de ornamentação, observe-se a sobriedade de certos tempos (Quaresma, por exemplo) a alegria de outros (Tempo Páscoa).

2. Preparação Remota da Santa Missa

Alguns importantes pontos devem ser notados antes do início da Santa Missa:

Altar: deve estar adornado, minimamente, com uma toalha branca (**IGMR 304**); flores, segundo o costume; duas, quatro ou seis velas em candelabros em cima do Altar ou próxima a ele; se a cruz processional não for usada como cruz do Altar, deve-se ter uma cruz no Altar;

Ambão: o Lecionário deve estar preparado no ambão com as leituras do dia marcadas.

Cadeira do Sacerdote: Microfone; se usa-se um livro para a Prece dos Fieis ele deve estar posicionado junto a cadeira.

Credência:

a) *Se há Procissão das Oferendas:* o cálice (preparado com sanguinho, pala e corporal – se possível, usa-se o véu do cálice da cor do tempo); outros cálices se necessário, cada um com sanguinho; a estante do Missal com o mesmo; uma sineta; jarro, bacia e toalha para a purificação. *Onde ocorre a Procissão:* a patena com a Hóstia do sacerdote; cibórios com partículas a serem consagradas; as galhetas com a quantidade suficiente de água e vinho.

b) *Se não há a Procissão das Oferendas:* o cálice (preparado com sanguinho, patena com a Hóstia do sacerdote, pala e corporal – se possível, usa-se o véu do cálice da cor do tempo); outros cálices se necessário, cada um com sanguinho; cibórios com partículas a serem consagradas; as galhetas com a quantidade suficiente de água e vinho; a estante do Missal com o mesmo; uma sineta; jarro, bacia e toalha para a purificação.

Sacristia: a cruz processional; turíbulo (aceso e pronto cerca de dez minutos antes da Missa) com naveta (com quantidade suficiente de incenso); paramentos para o sacerdote, sacerdotes concelebrantes e o diácono; o Evangeliário; os candelabros com velas acesas que serão usados na Procissão de Entrada.

3. Regras gerais de postura

Existem algumas normas gerais sobre postura que devem ser obedecidas no Rito Romano, abaixo iremos destacar as mais comuns e que são usadas durante a Missa.

Genuflexão: a genuflexão é o ato de tocar o solo com o joelho direito, mantendo o esquerdo dobrado e significa adoração. Faz-se ao Santíssimo Sacramento. Se há Tabernáculo no Altar se faz genuflexão ao entrar e sair do Presbitério, porém, não durante a Missa. Se se passa processionalmente de frente a um Tabernáculo, não se faz genuflexão.

Inclinação: são de dois tipos e indicam reverência e a honra que se atribui a quem recebe a inclinação.

- a) *Inclinação de cabeça:* faz-se ao nomear as três pessoas da Santíssima Trindade (“Glória ao Pai...”); aos Santos Nomes de Jesus (acompanhado ou não com “Cristo”, mas não apenas a “Cristo”), de Maria e do santo da qual se celebra a festa, solenidade ou memória. Da mesma forma, antes e depois de se incensar, pelo sacerdote. Ao bispo é sempre feita ao aproximar-se dele ou ao deixá-lo. Faz-se antes de incensar o sacerdote, igualmente.
- b) *Inclinação de corpo:* é mais profunda, faz-se ao Altar; o sacerdote o faz a algumas orações (“Ó Deus todo poderoso, purificai-me...” e “De coração contrito e humilde...”) e no Cânon Romano (ao dizer “Nós vos suplicamos...”); todos o fazem no Símbolo as palavras “E se encarnou...” ou “nasceu da Virgem Maria”; o diácono o faz ao pedir a benção para proclamar o Evangelho.

Mãos postas: é o que poderíamos chamar de postura padrão no Altar. Todos aqueles que estão no Altar, a não ser que o Rito especifique o contrário (por exemplo, os padres concelebrantes no momento da Consagração), devem manter-se assim. As mãos ficam juntas, palma com palma, os dedos juntos, sendo o polegar direito acima do polegar esquerdo. Essa postura só não será esteticamente bonita, se ela for feita de forma forçada. Sempre que uma das mãos está ocupada e outra livre, a livre vai para o peito.

Sentar-se: de costas ereta, com as mãos sobre a coxa. É esteticamente belo e faz parte da Tradição da Igreja.

Parte II

Rito de uma Missa Solene

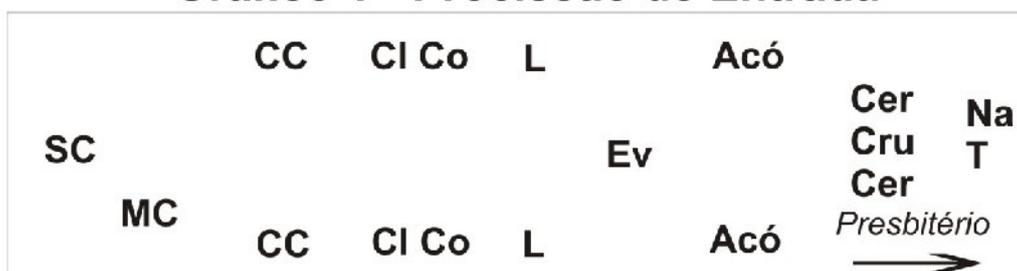
1. Tendo o sacerdote se paramentado, todos formam a Procissão de Entrada da seguinte maneira:

- a. Turiferário com o turíbulo aceso, tendo a sua esquerda, a pessoa com a naveta (que chamaremos de “naveteiro”);
- b. Cruciferário com a Cruz Processional, ladeado por Ceroferários;
- c. Acólitos dois a dois;
- d. O Evangeliário vai carregado pelo diácono ou por um leitor;
- e. Mais leitores, em fila dupla, atrás do Evangeliário;
- f. (Se participam da Celebração, o clero vestindo vestes corais);
- g. (Se participam da Celebração, os sacerdotes concelebrantes);
- h. Do lado direito do Presidente da Celebração, porém, pouco à frente, o Cerimoniário;
- i. O sacerdote que presidirá a Celebração;
- j. Se o diácono estará na Celebração, o Cerimoniário cede seu lugar para ele, passando para o lado esquerdo do sacerdote.

Quem nada leva estará com as mãos postas. Antes da Procissão de Entrada deixar a Sacristia o Turiferário apresentará o turíbulo ao sacerdote que colocará incenso no mesmo, abençoando-o com o sinal da cruz sem nada dizer. O turíbulo é segurado com a mão direita, tendo a mão esquerda no peito e deixado balançar para frente e para trás.

Enquanto acontece a Procissão o Coro canta a Antífona de Entrada ou algum outro hino correspondente.

Gráfico 1 - Procissão de Entrada



Legenda

<p>Acó: Acólito</p> <p>CC: Concelebrantes</p> <p>Cer: Ceroferário</p> <p>CI Co: Clero em Coral</p> <p>Cru: Cruciferário</p>	<p>L: Leitor</p> <p>MC: Cerimoniário</p> <p>Na: Naveteiro</p> <p>SC: Sacerdote Celebrante</p> <p>T: Turiferário</p>
--	--

2. Chegados à entrada do Presbitério, os acólitos que não carregam nada fazem, em par, a reverência prevista (inclinação). Os acólitos e leitores (e os concelebrantes, se houver) ocupam os seus lugares.

3. O cruciferário deixa a cruz processional no pedestal se esta é a cruz do Altar, se não, ela é levada para a sacristia. As velas podem ser deixadas no ou próximas ao Altar, se não, são também conduzidas à sacristia ou a credência. O Evangeliário é depositado no centro do altar. O sacerdote oscula o Altar.

4. Se houver necessidade, o Mestre de Cerimônias ou algum outro ajudante pode depor mais incenso no turíbulo (porém, o sacerdote não pára a celebração para isso agora – cf. **Cerimonial dos Bispos**, de agora em diante CB, n. 131). O turiferário e o naveteiro aproximam-se do sacerdote depois deste beijar o altar (sendo que, sempre, o naveteiro deverá estar do lado esquerdo do turiferário) e entrega o turíbulo ao sacerdote. O sacerdote faz uma reverência profunda e incensa a cruz com três ductos e o altar será incensado da direita do sacerdote para a esquerda (sendo que um *ducto* é o movimento de balançar o turíbulo duas vezes e um *icto* apenas uma vez; quando dá-se três ductos, faz-se esquerda, direita e centro). Se há imagens para serem incensadas elas são incensadas com dois ductos se não tem a imagem de Nosso Senhor, ou três se as têm (O Círio Pascal também o é com três); as imagens incensadas uma vez, não são mais incensadas ao longo da Celebração. Não há necessidade de se levantar a casula do celebrante. Se há diácono, ela acompanha o sacerdote na incensação. Terminada a incensação, o turiferário aproxima-se para receber o turíbulo.

5. O sacerdote ocupa a cadeira. O turíbulo vai para a sacristia e a naveta é colocada na credência. O livro (Missal) é apresentado ao sacerdote por um acólito. A Missa inicia-se com a Saudação Inicial.

- a. O sacerdote inicia, sozinho, com o “Sinal-da-Cruz”, da qual ele canta ou reza. O coro e o povo respondem com “Amém”.
- b. O costume de se musicar o “Sinal-da-Cruz” e cantarem todos juntos no início da Santa Missa (coro, sacerdote e fieis) não existe como especificado ou como rubrica, logo, é entendido como um abuso litúrgico e **não** deve ser feito.
- c. Depois disso o sacerdote celebrante escolhe uma das “Saudações iniciais”, sendo que a saudação “Bom dia”, não parece ser muito boa. Há a possibilidade de uma pequena introdução da Santa Missa aqui, que não é nem uma homilia ou um comentário, é algo breve e sucinto.

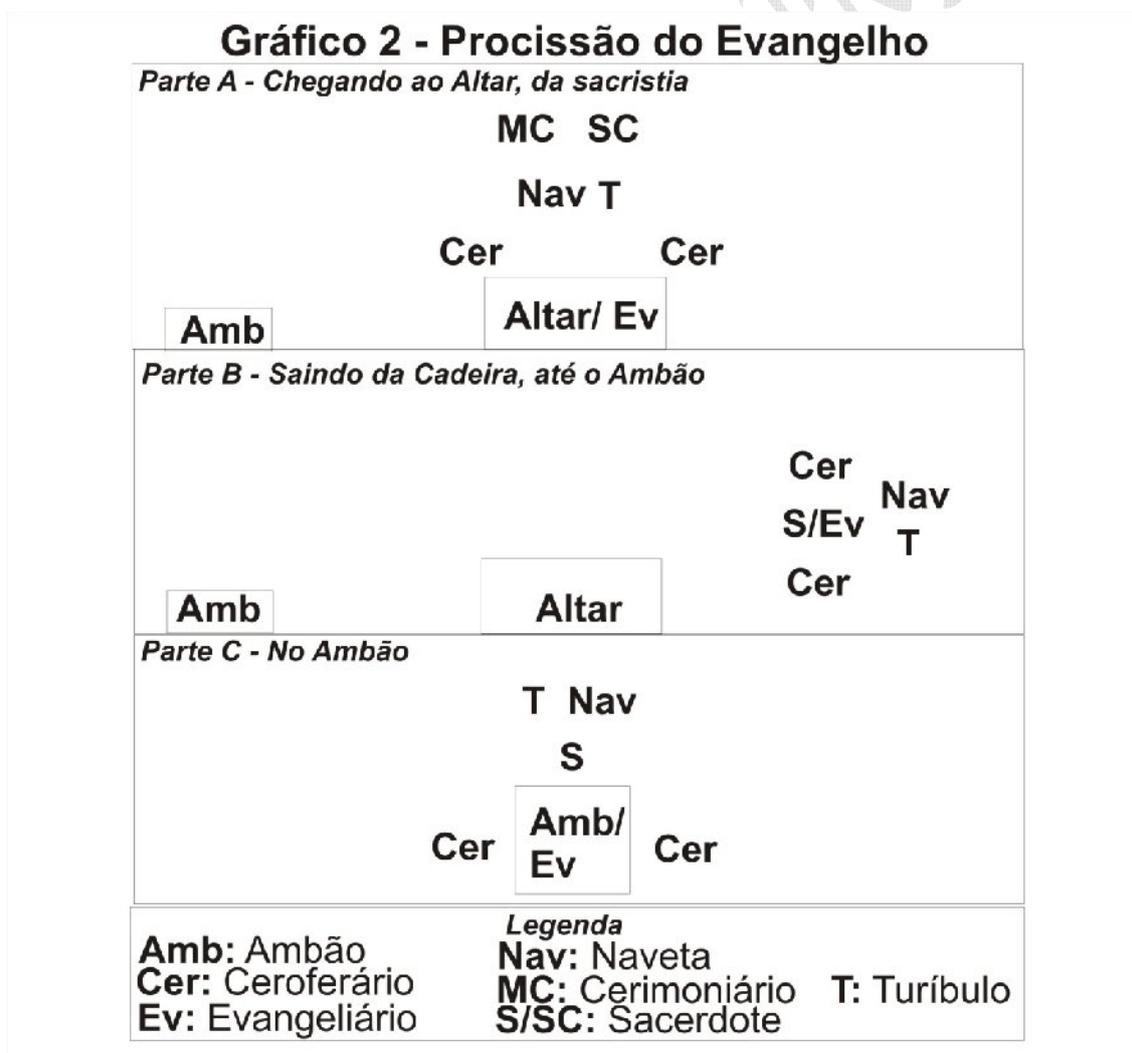
6. Terminada a Saudação parte-se para o Ato Penitencial:

- a. Se for escolhido o Ato Penitencial I (“Confesso a Deus...”), depois de rezada a confissão (onde bate-se no peito no “Minha culpa...”) e dada a absolvição pelo sacerdote, o coro entoa ou a Assembléia reza o “Kyrie Eleison” (“Senhor, tende piedade de nós”). Segue o Glória conforme as rubricas
 - b. Se for escolhido o Ato Penitencial II (“Tende compaixão de nós, senhor...”), depois de rezada a confissão e dada a absolvição pelo sacerdote, o coro entoa ou a Assembléia reza o “Kyrie Eleison” (“Senhor, tende piedade de nós”). Segue o Glória conforme as rubricas
 - c. Se for escolhido o Ato Penitencial III (“Senhor que viestes chamar os corações arrependidos...”) o sacerdote dá a absolvição e segue o Glória conforme as rubricas
7. O Glória é cantado pelo coro, pelos fiéis ou por ambos. A letra venerável deste hino não pode ser substituída, especialmente por hinos trinitários (**IGMR 53**). Se não existem versões musicadas que contenham toda a letra do hino, é preferível que ele seja rezado.
 8. Terminado o Glória, de braços abertos, o sacerdote lê ou entoa a “Oração Coleta” do dia. O Missal volta para a estante, na credência. Todos se sentam.
 9. Começa a Liturgia da Palavra. As leituras bíblicas nunca podem ser substituídas por outros textos profanos e, da mesma forma, não se pode omitir uma Leitura ou o Salmo Responsorial (**RS 61-62**).
 10. O leitor sobe ao Altar fazendo a reverência necessária, se houver necessidade, o Cerimoniário ou um Acólito pode levar e trazê-lo do Ambão a entrada do Presbitério. Durante as leituras, essa pessoa permanecerá à direita do Ambão; um pouco recuado relativamente ao leitor. Após a leitura, acompanha-se o leitor à saída do Presbitério, acolhendo-se o salmista. Terminado o Salmo Responsorial repete-se o esquema e, da mesma forma, repete-se na Segunda Leitura.
 11. Esteticamente, é mais belo que o leitor apóie suas mãos no Ambão e, claro, leia a Leitura ou cante o Salmo do Lecionário – levar consigo ou ler de outros livros ou folhetos não são esteticamente belos.
 12. Durante a Segunda Leitura, o turiferário vai a sacristia buscar o turíbulo.
 13. Terminada a Segunda Leitura, o coro inicia o canto do “Aleluia” e todo o povo se levanta, apenas o sacerdote ficando sentado. Não se deveria omitir nunca o próprio “Aleluia” (**IGMR 63**). Se for usado o Evangeliário, discretamente, um acólito fecha o lecionário e o deixa em algum lugar apropriado, tirando-o do Ambão.
 14. O Sacerdote continua sentado. O turiferário aproxima-se dele com o naveteiro, saudando-o com uma reverência. Ele abre o turíbulo e o sacerdote coloca incenso no turíbulo, abençoando-o sem nada dizer. O turiferário volta a seu lugar na procissão.

15. (Se há diácono, ele aproxima-se do sacerdote, faz uma reverência profunda a ele, mantém-se inclinado, e pede a bênção. Depois toma o Evangeliário.) Não havendo diácono, o sacerdote levanta-se, saúda o Altar com uma reverência profunda (enquanto reza a oração que lhe cabe), toma o Evangeliário e forma a Procissão, conforme a parte B do Gráfico 2 (turiferário com naveteiro a frente, Evangeliário mais ao fundo, ladeado por duas velas).

16. Ao chegar ao Ambão, o sacerdote (ou diácono) coloca o Evangeliário no mesmo, abrindo-o. Os ceroferários ficam ao lado do Ambão e o turiferário com o naveteiro mais atrás (cf. Gráfico 2 – C).

17. O sacerdote (ou diácono) saúda a Assembléia normalmente, depois toma o turíbulo e incensa o Evangeliário com três ductos (esquerda, direita, centro). Depois, devolve o turíbulo e o turiferário posiciona-se atrás do sacerdote, balançando o turíbulo moderadamente. Terminada a Proclamação, o sacerdote beija o livro, as velas e o turíbulo voltam à sacristia pelo caminho mais rápido.



18. Leigos não podem proclamar o Evangelho (mesmo sendo seminaristas), nem realizar a homilia (RS 63-64).

19. A Homilia segue do Ambão ou da Cadeira, o sacerdote pode pregar sentado ou em pé.
20. Após a homilia, o celebrante inicia o a Profissão de Fé que é recitada ou cantada por todos. Não é permitido usar um Símbolo que não esteja nos livros litúrgicos (RS 69). Às palavras “que foi concebido... até ...Virgem Maria” no Símbolo dos Apóstolos ou “encarnou pelo Espírito Santo” todos fazem a inclinação de cabeça.
21. O encarregado (acólito ou cerimoniário) por receber os leitores vai à entrada do Presbitério receber o leitor da Oração dos Fiéis. O acólito do Missal apresenta o livro da Oração Universal ao sacerdote se este é usado. O leitor só deixa o Ambão depois da oração conclusiva, sendo depois acompanhado à entrada do Presbitério.
22. O sacerdote introduz a Oração dos Fiéis de sua cadeira de mãos unidas. O povo responde-as como de costume. Depois, de braços abertos o sacerdote conclui a prece. Nesta prece final, parece ser melhor que o leitor vire-se para o sacerdote. Terminada a Oração dos Fiéis começa a Liturgia Eucarística.
23. O coro inicia o canto do Ofertório. O sacerdote senta-se. Os acólitos que não tenham funções a cumprir se sentam também. Se não há Procissão das Oferendas: Os acólitos levam ao altar o corporal, o cálice, a patena com a hóstia do sacerdote, o sanguíneo e o Missal. O cerimoniário prepara o altar da seguinte forma: abre o corporal no centro dele, coloca a estante do lado esquerdo do corporal, a patena com a Hóstia (se ela não vier em Procissão), ao lado dela o sanguíneo e acima da patena o Cálice que ele não prepara. As galhetas com vinho e água estão do lado direito do Altar. Se há diácono ele prepara da mesma forma, mas também prepara o cálice.
24. Inicia-se a Procissão das Oferendas. Traz-se a patena do sacerdote, âmbulas com hóstias e as galhetas com vinho e água. Um acólito pode acompanhar a procissão. O sacerdote levanta-se e vai para a frente do Altar, ladeado por acólitos. Ele recebe os dons e entrega para eles que deixam-nos sobre o Altar (outras ofertas que não as requeridas na Liturgia são deixadas no Presbitério, porém nunca no Altar). A patena e as âmbulas são arrumadas da mesma forma que acima, o cálice não é preparado, a não ser pela presença do diácono. As galhetas são mantidas do lado direito do Altar, longe do Corporal. Terminado de receber os dons, o sacerdote volta ao Altar e posiciona-se no centro.
25. Neste momento, onde é costume, ocorre à coleta de dinheiro ou dons.
26. Ao posicionar-se no centro do Altar, o sacerdote recebe do acólito (ou do Mestre de Cerimônia) a patena e realiza o Ofertório dela (“Bendito sejas...”). Neste mesmo momento, o turiferário e o naveteiro deverão estar a postos, esperando o fim do Rito das Oferendas. Depois, o sacerdote toma o cálice e leva-o até as galhetas, lá toma a de vinho e deposita-o na cupa, seguido pela água, rezando a respectiva oração (“Por esta água...”). As

galhetas são levadas de volta a credência por um acólito. O sacerdote oferece o cálice (“Bendito sejais...”). Por fim, inclina-se profundamente e reza a oração final (“De coração contrito...”).

27. O turiferário e o naveteiro apresentam-se ao sacerdote. Este coloca incensa no turíbulo e abençoa-o com a cruz sem nada dizer. Depois toma o turíbulo e incensa nesta ordem:

- a. As oblatas (com três ductos ou o sinal-da-cruz), sem fazer reverência;
- b. A Cruz (com três ductos), fazendo reverência;
- c. O Altar (com ictos, começando de sua direita para a esquerda).

28. Depois de retornar ao centro do Altar, entrega o turíbulo ao turiferário. Este se posicionará a frente do sacerdote (e do clero concelebrante) e o incensará com três ductos. (Se houver diácono, quem incensa o sacerdote é o diácono). Depois, fará reverência ao sacerdote e irá até o começo do Presbitério onde se colocará voltado a Assembléia. Fará reverência a Assembléia, daí incensá-la-á com três ductos (esquerda, direita e centro), fará outra reverência e voltará para a sacristia.

29. Enquanto incensa-se a Assembléia, o sacerdote purifica as mãos. Os acólitos (dois ou três conforme a necessidade) lhe apresentam a jarra, a bacia e a toalha, inclinando-se suavemente. O sacerdote purifica as mãos e ao entregar a toalha ou manustérgio de volta, faz uma reverência aos acólitos que devolvem os objetos a credência.

30. O Cerimoniário se coloca do lado esquerdo do sacerdote celebrante que está no meio do Altar, próximo ao Missal (da qual ficará responsável). Se há clero concelebrante eles se colocam a volta do Altar e devem receber algum material para acompanhar a Oração Eucarística.

31. O sacerdote inicia o diálogo (“Orai irmãos...”), estende as mãos e faz a Oração sobre as Oferendas. O sacerdote, então, iniciará a Oração Eucarística.

32. Começa com o diálogo (“O Senhor esteja convosco...”), depois canta ou reza o Prefácio próprio daquela celebração que terminará com o Sanctus. O Sanctus é entoado ou recitado pelo Coro e pela Assembléia, como os outros hinos, não se pode trocá-lo por alguma outra fórmula ou música que não contenha todo o texto. Neste momento, o turiferário e o naveteiro vão para a frente do Altar, a entrada do Presbitério, dando as costas a Assembléia.

33. Todos se ajoelham ao fim do Prefácio ou a Epiclese, inclusive os que estão no Presbitério e não são concelebrantes, isso inclui: os acólitos, o Mestre de Cerimônias e o próprio diácono. Neste momento toca-se a sineta ou sino. Ao ajoelhar-se o naveteiro deita um pouco de incenso no turíbulo.

34. (Se há sacerdotes concelebrantes eles estendem as mãos durante a Consagração e narram ou cantam junto a “Instituição da Eucaristia”).

35. O sacerdote consagra o Pão, eleva-o com calma, mostrando-o ao povo. Um dos ajudantes toca a sineta. O turiferário incensa a Hóstia com três ductos. Depois, o sacerdote volta a Hóstia à patena, fazendo uma genuflexão.

a. Não é permitido ao sacerdote partir a Hóstia neste momento **(RS 65)**

36. O sacerdote consagra o Vinho, eleva o cálice com calma, mostrando-o ao povo. Um dos ajudantes toca a sineta. O turiferário incensa o Preciosíssimo Sangue com três ductos. Depois, o sacerdote volta a o Cálice ao Corporal, fazendo uma genuflexão.

37. Ao dizer “Eis o Mistério...”, todos se levantam. O turiferário leva o turíbulo para a sacristia definitivamente, pois ele não mais será usado. A naveta volta para a credência.

38. O sacerdote continua a Oração Eucarística como de costume. Se há concelebrantes deve se entregar um microfone para que eles cantem, ou rezem, suas partes segundo as rubricas.

39. A Oração Eucarística termina com o “Por Cristo...” que é realizado da seguinte forma: o sacerdote toma o cálice com a mão direita e a patena com a esquerda, elevando-os a Assembléia, dizendo a respectiva oração. A Assembléia responde com “Amém”, sendo que é considerado erro e abuso litúrgico que todos (sacerdote, coro e fieis) digam juntos a doxologia.

40. O sacerdote coloca o cálice a patena de volta no corporal e entoa ou canta a “Monição” e, em seguida, o “Pai Nosso”. Não se responde “Amém” aqui.

41. A oração pela paz é realizada apenas pelo sacerdote (“Senhor Jesus Cristo, que dissestes...”), a Assembleia responde com “Amém”, sendo que é considerado erro e abuso litúrgico que todos (sacerdote, coro e fieis) digam juntos a “Oração pela paz”.

42. O sacerdote celebrante escolhe se deseja ou não realizar a Saudação da Paz. Se há diácono, quem faz a saudação (“Saudai-vos...”) é ele. A paz deve ser dada de forma austera, sem alvoroços ou correrias. Deve ser um momento rápido, logo, não se coloca uma “Música de Saudação de Paz” como é comum em alguns lugares, ela não é necessária (pela brevidade do momento) e acaba por tirar o centro da atenção do Senhor.

43. Terminada a “Saudação da Paz” o sacerdote reza ou o coro canta o “Agnus Dei”. O sacerdote, com as orações usuais, parte a Hóstia na patena, depois parte uma partícula menos e a coloca no Cálice, depois ele genuflecte.

44. O sacerdote depois se levanta, toma a partícula da Hóstia na mão e diz “Eis o cordeiro...” e a Assembléia responde como de costume.

45. O sacerdote reza as orações de costume e comunga da Hóstia, depois do Vinho. Seria apropriado que, caso haja Ministros Extraordinários da Eucaristia, eles subissem ao Presbitério nesse momento.

46. O sacerdote distribui a Sagrada Comunhão aos que estão no Altar. Não é permitido a nenhum Ministro, seja ele acólito ou qualquer outra função, auto-receber a Santíssima Eucaristia (tomando da Âmbula e comungando, ou tomando da Âmbula e do cálice e comungando). Apenas o sacerdote e os concelebrantes podem fazer isso **(RS 94)**.

47. Enquanto o sacerdote desce do Presbitério para distribuir a Eucaristia a Assembléia o coro canta a Antífona da Comunhão ou outro hino apropriado. Se há concelebrantes eles comungam neste momento.

- a. Os fieis podem receber a Santa Comunhão de pé, nas mãos ou na boca, como podem receber de joelhos (neste caso, apenas na boca - **RS 90-92**)

48. Terminada a Sagrada Comunhão o sacerdote retorna ao Altar. Se há Ministros Extraordinários da Eucaristia, ao retornarem e deixarem a âmbula no Altar, sobre o corporal, eles purificam suas mãos e retomam seus lugares junto a Assembléia. Neste momento um dos acólitos toma à estante e o Missal e leva-os de volta a credência.

49. O sacerdote, em primeiro lugar, toma o que restou do precioso Sangue que ficou no cálice. O sacerdote leva o cálice para o lado direito do Altar, um acólito traz água (vinho também, se necessário) para purificar o cálice. O sacerdote pode colocar seus dedos acima da cupa do cálice para que o ajudante derrame água (e vinho) neles caso haja partículas que ficaram presas. O sacerdote avisa ao acólito o quanto de água (e vinho) basta, tomando-a em seguida. Se houver muitos vasos a serem purificados, o sacerdote começa colocando água em uma âmbula e vai passando a mesma água até a última, quando a passará para o cálice. Seca o cálice com o sanguíneo então, no que um dos acólitos acaba de “montar o cálice” e levá-lo de volta a credência. O sacerdote volta e reassume a Cadeira.

50. Depois da Sagrada Comunhão, parece ser muito interessante um momento de silêncio e interiorização.

51. O sacerdote, então, levanta-se e abrindo e fechando os braços diz: “Oremos”. Um dos acólitos apresenta-lhe o Missal, da qual ele canta ou reza a Oração Depois da Comunhão. A Assembléia responde com “Amém”.

52. Se existem recados ou aviso a serem dados, faz-se, brevemente, neste momento.

53. O sacerdote, então, voltado ao povo diz “O senhor esteja...”, segue ai a Benção Final. Se há Benção Solene, o sacerdote recebe o Missal de um acólito e estende os braços sobre a Assembléia que a cada invocação responde “Amém”, abençoando o povo ao final. Ao fim da Benção o sacerdote (ou diácono) diz o “Ide em paz...” no que a Assembléia responde como de costume.

54. Ao início da Benção Final, os ajudantes formam a Procissão, como a de Entrada, porém, ficam voltados ao Altar até o fim da Benção. Terminada a Benção eles voltam-se para a Assembléia e tomam o caminho mais curto, em Procissão, até a sacristia.

55. O sacerdote beija o Altar e assume seu lugar na Procissão. Chegando a sacristia, diz: “Bendigamos ao Senhor” e os ajudantes respondem: “Demos graças a Deus”.

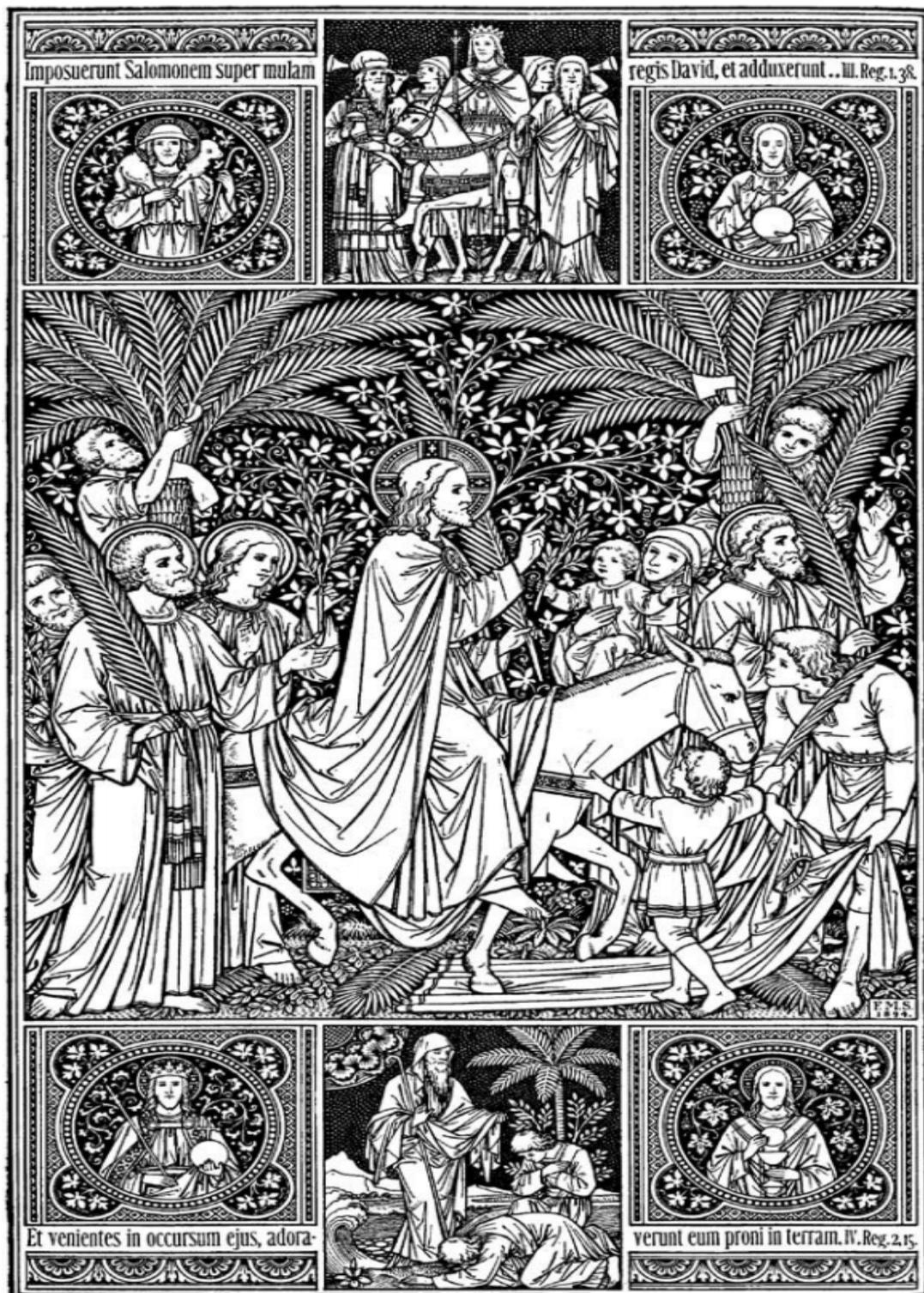
56. Alguns acólitos ajudam o sacerdote (ou sacerdotes) a retirar e guardar os paramentos. Os objetos são trazidos da credência e guardados em seus devidos lugares.

Parte III

Apêndice I – O Rito de Aspersão

1. Existe a possibilidade de se usar um quarto Rito Penitencial: a Aspersão da Assembléia (**IGMR 51, CB 133**), que tem o nome latino de “*Asperges*”. Ele pode ser usado em qualquer situação ou Tempo Litúrgico, porém, é melhor aplicado aos domingos.
2. Se há esse rito, coloca-se na Credência, antes do início da Santa Missa, a caldeirinha com água benta ou a caldeirinha com água a ser abençoada e sal, além do asperge.
3. A Missa inicia-se normalmente (o sacerdote, ao contrário do Uso Antigo, não começa a Missa usando Capa, mas a casula, como de costume). Depois da Saudação um acólito apresente-lhe a caldeirinha.
4. O sacerdote inicia o Rito normalmente, conforme o Missal. Abençoa a água se necessário. Depois, recebe do Mestre de Cerimônias o asperge (se ele não estiver na caldeirinha) e faz, primeiramente, a aspersão em si próprio (fazendo um sinal da cruz com o asperge em si).
5. O sacerdote então aspergirá os sacerdotes concelebrantes, o diácono, acólitos, leitores e o cerimoniário. Acompanhado pelo diácono ou pelo cerimoniário, então descerá do Presbitério, fazendo a devida reverência, e aspergirá, com calma, a Assembléia. Aquele que acompanha o sacerdote manter-se-á do lado direito dele segurando a caldeirinha, enquanto o sacerdote “enche” o asperge com a mão direita. A mão esquerda fica no peito, como de costume.
6. Enquanto asperge-se o povo, normalmente, canta-se o “*Asperges*” ou o “*Vidi Aquam*” no tempo Pascal.
7. O sacerdote retorna ao Presbitério fazendo a devida reverência. Entrega o asperge ao Mestre de Cerimônias que o deixará na credência ou colocará diretamente na sacristia.
8. O sacerdote retoma seu lugar na cadeira e faz a Oração que segue e finaliza o rito. Se for Quaresma ou Advento, segue-se a Oração Coleta, em qualquer outro tempo, segue-se o Glória.

II – SANTA MISSA DO DOMINGO DE RAMOS E DA PAIXÃO DO SENHOR



*“Saíram-lhe ao encontro com ramos de palmas, exclamando:
Hosana! Bendito o que vem em nome do Senhor, o rei de Israel!”*

(Jo 12,13)

Introdução geral

A celebração deste dia é a junção, histórica, de duas outras celebrações litúrgicas. O primeiro momento é a Procissão dos Ramos, tradição que vem de Jerusalém e já bem retratada e formada pelo século IV ou V de nossa era, e, de tão popular, difundiu-se por todo o Oriente, depois pela Gália e Espanha chegando a Roma. Em Roma, era costume celebrar-se, neste domingo, uma lembrança da Paixão do Senhor. As duas formas fundiram-se tardiamente, talvez no século IX ou pouco antes, dando na Celebração que hoje temos: a bênção dos Ramos e procissão (primeira parte) seguida por uma Missa que recorda a Paixão do Senhor (segunda parte).

Sobre a liturgia que celebramos neste dia (Bergamini, p.295): “Na liturgia revivem e se revelam os dois aspectos fundamentais da Páscoa: a entrada messiânica em Jerusalém, como anúncio e figura do triunfo da sua ressurreição, e a memória da sua paixão, que marcará a libertação da humanidade do pecado e da morte”.

MOVIMENTO LITÚRGICO

Leituras do dia

Na Bênção dos Ramos:

Ano A: Mt 21,1-11

Ano B: Mc 11,1-10

Ano C: Lc 19,28-40

Na Missa:

1º Leitura: Is 50,4-7

Salmo Responsorial: Sl 21

2º Leitura: Fl 2,6-11

Leitura da Paixão de Nosso Senhor:

Ano A: Mt 26,14-27,66

Ano B: Mc 14,1-15,47 ou Jo 12,12-16

Ano C: Lc 22,14-23,56

Preparação remota

Credência no lugar de encontro: caldeirinha com asperge; água benta sobressalente para a bênção dos ramos; toalha ou manustérgio; microfone para o celebrante; ramos para o celebrante, os ajudantes e os fiéis (se necessário).

Presbitério: duas, quatro ou seis velas acesas no Altar-Mor; Lecionário e/ou Evangeliário marcado e aberto no ambão ou estante; o Altar estará com, no mínimo, uma toalha branca. Se o sacerdote usar a Capa Pluvial na procissão, uma casula vermelha deve estar na Cadeira. Se for comum cantar-se a Paixão com três pessoas, devem estar preparadas três estantes na frente do Presbitério, sem toalhas, onde ficarão os cantores.

Credência no Presbitério: o usual para a celebração da Missa Solene (cf. aviso acima).

Sacristia: Paramentos de cor vermelha para o sacerdote e o diácono; Capa Pluvial se necessário; caso o sacerdote for paramentado da sacristia ao Lugar de Encontro: cruz processional ornada com ramo, (turíbulo, naveta), o Livro dos Evangelhos, Lecionário, Livro da Paixão, Missal – todos devidamente marcados.

Rito

Parte I - Comemoração da Entrada de Jesus em Jerusalém

1. Em todas as Missas comemora-se a Entrada do Senhor em Jerusalém, porém, apenas na Missa Principal se é lícito realizar a procissão ou a entrada solene, conforme a necessidade pastoral. Em todas as outras Missas, celebre-se este dia com a Entrada Simples.

Primeira Forma: Procissão

2. Na hora adequada, os fiéis reúnem-se no lugar de encontro (pastoralmente uma capela, outra igreja dentro do território paroquial: uma praça, por exemplo.), trazendo ramos nas mãos. Se houver a necessidade, antes do sacerdote chegar pode-se fazer a distribuição de ramos aos fiéis. Aqueles que organizam a Liturgia devem ter em mente que todo o povo, para reforçar o símbolo, deve portar ramos, pelo menos, durante a procissão.

3. O sacerdote (e o diácono) e os ajudantes reúnem-se no lugar de encontro. Se o sacerdote não se paramentar no lugar, siga-se a ordem tradicional da procissão, como abaixo (os que nada carregam, levam consigo um ramo):

- a. Turiferário com o naveteiro ao seu lado esquerdo;
- b. Cruciferário ladeado por dois ceroferários com velas acesas;
- c. Os acólitos, um deles carregando o ramo do sacerdote;
- d. Coro ou cantores;
- e. Clero usando roupas de coro, ou seja, que não concelebram;
- f. Diácono com o livro dos Evangelhos, se presente, senão, um leitor pode levar o livro;
- g. Se leigos lerão ou cantarão o relato da Paixão, devem seguir atrás do Diácono ou do leitor que leva o Evangeliário, carregando o Livro da Paixão;
- h. Concelebrantes;
- i. O Mestre de Cerimonias pouco a frente do Celebrante;
- j. Celebrante de casula da cor da celebração ou capa (se o sacerdote usa capa, dois ajudantes vão junto a ele segurando a capa);

4. Chegando ao local, o turiferário, cruciferário e ceroferários posicionam-se atrás do sacerdote, voltado para o povo. Enquanto se aproximam canta-se a Antífona que o Missal apresenta (MR p. 220) ou outra semelhante:

Saudemos com hosanas,

O Filho de Davi! (etc.)

5. Terminada a Antífona ou canto, um dos acólitos apresenta o Missal ao sacerdote que saúda o povo como o faz para a Santa Missa, normalmente:

Em Nome do Pai, do Filho + e do Espírito Santo. Amém.

A Graça de Nosso Senhor... (etc.)

6. Terminada a saudação, o sacerdote introduz o rito a ser realizado com as palavras previstas no Missal (MR p. 220) ou outras semelhantes:

Meus irmãos e minhas irmãs,

Durante as cinco semanas da Quaresma... (etc.)

7. Depois, de mãos unidas diz “Oremos” e escolhe uma das duas orações previstas para a benção dos ramos, fazendo o sinal da cruz sobre eles quando indicado. Ao final da oração, o povo deve responder “Amém”.

a. Deus eterno e todo poderoso, abençoi +... (etc.)

b. Ó Deus de bondade, aumentai a fé... (etc.)

8. Em seguida, um ajudante apresenta ao sacerdote a caldeirinha com água benta e o asperges e o sacerdote passa a aspergir a Assembléia. Um ou mais ajudantes podem segui-lo para segurar a Capa, se ele a estiver usando. Seria bastante conveniente que os ajudantes, especialmente os coroinhas ou acólitos, prestassem atenção a quantidade de água benta na caldeirinha, preenchendo-a com mais quando necessário. Depois de aspergir os ramos, o sacerdote entrega a caldeirinha para um dos ajudantes, um dos ajudantes pode apresentar-lhe uma toalha ou manustérgio para enxugar as mãos. Terminado, o sacerdote volta para o lugar inicial.

9. Chegado ao lugar inicial, voltado para o povo, o sacerdote proclamará o Evangelho. Deita incenso no turíbulo, abençoa-o sem nada dizer, realiza o diálogo com a Assembléia e incensa o Evangelho com três ductos, conforme o costume. Na falta de um lugar conveniente para a Proclamação, um acólito poderá segurar o livro (seja ele qual for: Missal, Livro com Rito da Semana Santa) para o sacerdote ou diácono.

a. Se o diácono for proclamar o Evangelho, como de costume, ele deve pedir a benção ao sacerdote.

10. Terminado a Proclamação do Evangelho, o sacerdote pode fazer uma breve homilia. Terminada a homilia (ou a Proclamação do Evangelho, caso esta não seja feita), o sacerdote dá início à procissão com as palavras prescritas no Missal (MR p. 225) ou outras similares:

Meus irmãos e minhas irmãs... (etc.)

11. Antes de iniciar-se a procissão o sacerdote deita incenso no turíbulo e forma-se o cortejo, como foi à procissão de chegada (acima n. 3), sendo que os fiéis encaminham-se depois do sacerdote celebrante. Se o sacerdote não carregar nada, o que é provável, levará o seu ramo.

12. Supõe-se que a procissão irá tomar uma rota mais ou menos longa até a Igreja onde será celebrada a Santa Missa.

13. Há a necessidade de, na procissão, haver cantos que relembrem o momento da Entrada de Nosso Senhor em Jerusalém (vários são previstos no Missal, MR p. 225-228), se for necessário, os cantores podem distribuir folhas com os cantos para os fiéis. Algumas pessoas deverão tomar conta da procissão para que ela realize-se de modo ordenado e digno.

14. Chegando a Igreja, o coral ou cantores iniciam o canto previsto pelo Missal (MR p. 228) ou outro que lembre a entrada do Senhor em Jerusalém:

Ouvindo o povo que Jesus entrava,

Logo o foi encontrar... (etc.)

15. O sacerdote entra na Igreja e, depois, os fiéis. Se necessário, alguns ajudantes poderão ajudar as pessoas a tomarem seus lugares nos bancos.

16. Chegando ao Presbitério, o sacerdote entrega sua palma a um acólito ou ao Cerimoniário, saúda o Altar com uma reverência e beija-o (junto ao diácono se ele está presente). Se se usa o Evangeliário, ele é colocado no Altar e os Livros da Paixão nas estantes. Se houver necessidade, o Cerimoniário ou um acólito coloca mais incenso no turíbulo, quando o Evangeliário é colocado no Altar o sacerdote passa a incensá-lo, como de costume. Se estiver de capa, tira-a, dá a um ajudante e veste-se com a casula de cor vermelha.

17. Os ritos iniciais são omitidos. O sacerdote assume a cadeira. Um dos acólito apresenta-lhe o Missal na qual ele reza a Oração do Dia (MR p. 230):

Deus eterno e todo-poderoso,

Para dar aos homens um exemplo de humildade... (etc.)

Segunda Forma: Entrada Solene

18. A Entrada Solene será usada quando a primeira forma (a Procissão) não puder ser realizada. A preparação é feita da mesma forma (n. 2-3). Os fiéis, porém estarão dentro da Igreja ou em sua porta. Não havendo a possibilidade ou capacidade de todos os fiéis estarem presentes junto ao sacerdote e outros ministros, opte-se por um lugar que seja de fácil visibilidade e que, pelo menos, algumas pessoas estejam presentes representando toda a Assembléia.

19. Enquanto os ministros e o sacerdote se aproximam canta-se a Antífona que o Missal apresenta (MR p. 220) ou outra semelhante:

Saudemos com hosanas,

O Filho de Davi! (etc.)

20. O sacerdote saúda o povo como de costume (n.5), introduz o rito (n.6), recita ou canta a oração de bênção dos ramos (n.7), asperge os ramos (n.8) e, em seguida, proclama o

Evangelho (n.9). Terminada a homilia, se houver, o sacerdote inicia a procissão (n.10 e 11) enquanto canta-se um canto apropriado ou o sugerido.

21. Chegando ao altar, o sacerdote age como acima (n.16), enquanto os fiéis voltam para seus lugares.

22. Segue-se a Oração do Dia (n.17)

Terceira Forma: Entrada Simples.

23. O sacerdote com os ajudantes dirigem-se ao Altar, enquanto o coral ou cantores entoam a Antífona de Entrada junto com o salmo:

Seis dias antes da solene Páscoa,

Quando o Senhor veio a Jerusalém... (etc.)

“Ó portas, levantai vossos frontões!” +

Elevai-vos bem mais alto, antigas portas, * (etc.)

(Sl 23,9-10).

24. Em seguida, incensa o Altar e inicia a Missa normalmente.

25. Não há benção de ramos aqui (conforme indicado pelo Missal, MR p. 229), por isso, se os fiéis desejarem ramos bentos para levarem para casa, é oportuno que eles sejam abençoados na Missa principal e distribuídos antes da Missa começar.

26. A Missa seguirá a estrutura comum:

- a. Saudação Inicial;
- b. Ato Penitencial;
- c. Kyrie (dependendo do Ato Penitencial usado);
- d. O Glória é omitido;
- e. Oração do Dia (MR p. 230).

Parte II - Celebração Eucarística

27. Seja que tipo de Entrada que sucedeu, a Santa Missa prossegue normalmente:

- a. Primeira leitura
- b. Salmo Responsorial
- c. Segunda Leitura
- d. Canto de Aclamação ao Evangelho (ainda não se diz ou canta Aleluia)

28. Não há a Proclamação do Evangelho (pois, se foi usada a Entrada Solene ou procissão ele já foi realizado), mas uma leitura da Paixão do Senhor. Observe-se o seguinte:

- a. Não se usam velas ou incenso!
- b. O sacerdote ou diácono **não** diz “O Senhor esteja...”, logo, o povo **não** responde: “Ele está...”.

- c. Ao dizer “Paixão de Nosso Senhor...” o sacerdote **não** faz o sinal da cruz no livro e o povo **não** responde “Glória a Vós...”.
 - d. No momento designado, da Morte do Senhor, há uma breve pausa, **silêncio** e todos se **ajoelham**.
 - e. O sacerdote ou diácono encerra o texto normalmente, porém, **não beija** o livro.
29. A leitura da Paixão pode ser dividida entre alguns leitores e o sacerdote. Cuide-se para que o papel de Cristo fique sempre que possível com o sacerdote (ou diácono, se um deles estiver presente). Tradicionalmente a Leitura da Paixão é feita entre três pessoas postadas em três estantes, a do meio é o narrador, Cristo a sua direita e a multidão a sua esquerda.
- a. Dom Elliot, sugere que a leitura (ou o cântico) da Paixão de forma mais solene (com alguns leitores dividindo os papéis e o sacerdote como Cristo) seja feita na Missa principal.
 - b. Nas outras Missas, ele sugere a leitura (e não cântico) da Paixão, tendo apenas um narrador, o sacerdote como Cristo e os fiéis respondendo como a figura do povo.
30. Segue-se uma homilia, se for oportuno.
31. Diz-se o Creio, e a Missa prossegue normalmente (inclusive, o incenso é usado normalmente nas outras partes rituais que são habituais).

Adendo A – Casos especiais

Se, por razões pastorais, não puder haver uma Santa Missa com Procissão, ou ao menos, Entrada Solene, diz-nos o Missal Romano (p. 230): “Onde não se possa celebrar a procissão nem a entrada solene, faça-se uma celebração da Palavra, sábado à tarde ou domingo à hora mais oportuna, tendo por tema a entrada do Messias e a paixão do Senhor”.

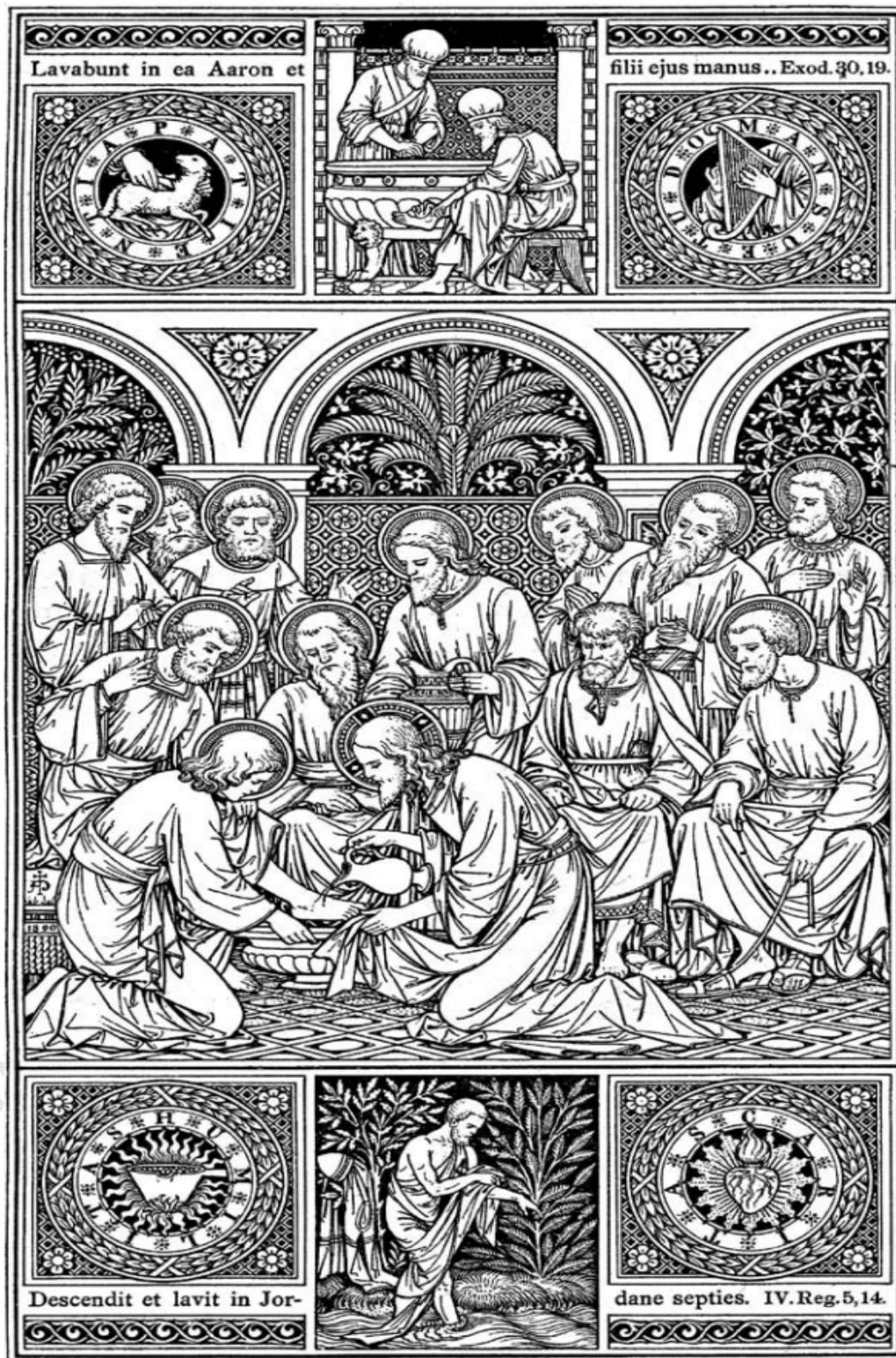
O Missal deixa claro que não há, neste caso, benção dos ramos e distribuição aos fiéis.

Adendo B – A Semana Santa

Dom Peter Elliot, dá-nos algumas considerações sobre o que se deve fazer nesta Semana, especialmente em preparação para o Tríduo Pascal. Alguns ramos podem ser deixados na Igreja durante os primeiros dias da Semana Santa (até terça ou quarta-feira) para que aqueles que não conseguiram ir à benção dos ramos possam tê-los.

Da mesma forma, faz-se importante que exista de forma visível para todos, a programação dos eventos da Semana Santa. O melhor seria tê-la espalhada pela Igreja e, da mesma forma, que ela tenha sido entregue em formato impresso aos fiéis.

III – SANTA MISSA DA INSTITUIÇÃO DO SACERDÓCIO E DA SANTÍSSIMA EUCHARISTIA COM LAVA-PÉS



“Vinde, reuni-vos para a grande ceia de Deus”

(Ap 19,17)

Introdução geral

No dia de hoje, com as Primeiras Vésperas, termina a Quaresma e inicia-se o Tríduo Pascal. Normalmente, na Missa da manhã presidida pelo bispo junto a seu presbitério, foram consagrados os Santos Óleos que serão usados durante o ano para o Batismo, Crisma e Unção dos enfermos. Na Missa da Noite, chamada *in Cena Domini* – ou seja, na Ceia do Senhor –, relembramos a Instituição da Eucaristia e a Instituição do Sacerdócio na ação que dos Discípulos ao se reuniram junto ao Senhor na Sala Superior.

Segundo Bergamini, já no século V aparece, em Jerusalém, a memória da ação do Senhor antes da Santa Ceia: a lavagem dos pés dos Discípulos. Inicialmente ela acontecia fora da Santa Missa, mas, gradualmente, foi integrada a ela.

Da mesma forma, outros ritos foram adicionados a Santa Missa ao longo do tempo: a Transladação do Santíssimo Sacramento, seguido pelo desnudamento do Altar.

MOVIMENTO LITÚRGICO

Leituras do dia

1º Leitura: Ex 12,1-8.11.14

Salmo Responsorial: Sl 115

2º Leitura: 1Cor 11,23-26

Evangelho: Jo 13,1-15

Preparação remota

Credência: o material usual para a Santa Missa Solene, preferencialmente levando-se em conta de que a Procissão das Oferendas hoje é um dos momentos altos da Liturgia da Santa Missa; um jarro grande com bacia, água para a lavagem dos pés, toalhas para enxugar os pés, um avental para o sacerdote (que tem o nome litúrgico de gremial); sabonete e toalha para o sacerdote lavar as mãos depois do Rito do Lava-pés.

Altar: todos os altares, além do ambão e das estantes, devem estar revestidas com alfaias brancas.

Lugar da reposição: um lugar preparado, de certa forma parecendo com um altar (enfeitado com flores, com no mínimo, quatro ou seis velas acesas), para ser usado como lugar da reposição do Santíssimo Sacramento, neste lugar deve haver um corporal aberto.

Outro lugar da reposição: onde ficará guardadas as âmbulas com hóstias consagradas que não serão adoradas, deve estar com uma toalha branca e uma luz que indique a presença do Senhor.

Sacristia: paramentos brancos para o sacerdote, sacerdotes concelebrantes e diácono; o véu umeral.

Rito

Celebração Eucarística

1. Pela hora vespertina, celebra-se esta Santa Missa que recorda-nos o grande dom da Eucaristia.
2. O sacrário deve estar vazio para esta celebração (CCP), para isto, existem algumas sugestões dadas por Dom Peter Elliot: que se coloquem os cibórios com as Hóstias Consagradas, em algum lugar fora da vista do público, por exemplo, na Sacristia. Deve-se manter uma luz acesa, porém, não é um lugar onde deva existir adoração (afinal, após a Santa Missa, esta se realizará no lugar da reposição). Este lugar é o que nos referimos como “outro lugar da reposição”, ele será assim chamado até o fim do Tríduo (porque será usado até lá).
3. Deve-se ter lugares separados para que aqueles que terão os pés lavados. Se eles estiverem entre os fiéis e forem aproximarem-se do Presbitério apenas depois da homilia, é importante que estejam cientes disso (como deve fazer-se evidente que tê-los convidados antes também é a melhor forma de evitar deslizes rituais neste momento).
4. A Santa Missa começa como costume, apenas com uma diferença, no canto ou recitação do Glória, tocam-se todos os sinos da Igreja (Missal Romano – MR p. 247 e CCP). Eles irão permanecer mudos até a Vigília Pascal.
5. Terminado o Glória, a Santa Missa prossegue normalmente até a homilia.

Rito do Lava-pés

6. Terminada a homilia, pode-se proceder ao rito do lava-pés (a cláusula “pode-se” é indicada pelo Missal, logo, o rito não é obrigatório, mas opcional, porém, tradicionalmente sempre realizado).
7. O texto latino do Missal Romano, a sua tradução portuguesa (MR p. 248) e a Carta Circular Pastoral (CCP) indicam sempre o termo *virii* para designar aqueles que terão os pés lavados. A tradução direta do termo é “homens”, no sentido de pessoas do sexo masculino e não no sentido de humano (que seria outro termo). Assim, o rito do lava-pés é feito com homens (ou meninos), doze ou menos deles, lembrando o que fez Nosso Senhor na Última Ceia com Seus Apóstolos.
8. Os escolhidos para a lavagem dos pés, se não estão próximos ao presbitério, são a ele conduzidos. Da mesma forma, se não há bancos ou cadeiras, elas são trazidas e estes são conduzidos até eles por um dos ajudantes. Normalmente, ao sentarem-se, eles já descalçam o pé direito.

9. No Presbitério, se achar conveniente, o sacerdote retira a casula, dobra-a e deixa-a na Cadeira. Alguns ajudantes trazem, se for necessário, um avental (gremial) que o sacerdote poderá usar sobre a alva.

10. Da Sacristia, ou da Credência, os ajudantes trazem o material necessário para a lavagem dos pés. Normalmente, um deles traz a jarra, enquanto outro a bacia e um terceiro a toalha (ou várias delas, segundo a necessidade). Por vezes, parece ser interessante manter outros dois ajudantes, um deles com um balde cheio (onde se encherá a jarra usada pelo sacerdote) e, outro, carregando outro balde, porém, vazio, onde se depositará a água que for acumulando-se na bacia. Para evitar um acúmulo de pessoas desnecessário junto ao sacerdote, é interessante que, por exemplo, os ajudantes com os baldes fiquem distantes do lugar e o Cerimoniário, ou outro responsável pelo andamento da Celebração, possa indicar-lhes quando da necessidade de água ou de recolher a água.

11. O sacerdote, junto com aqueles que trazem os materiais para a lavagem dos pés, deixam o Presbitério, inclinando-se ao deixá-lo. Encaminham-se para o primeiro que terá o pé lavado. Normalmente, o sacerdote faz uma inclinação aquele que terá o pé levado e ajoelha-se na sua frente. O ajudante que carrega a bacia posiciona-se a esquerda do sacerdote, coloca-a embaixo do pé do fiel. Se há um diácono, ele coloca-se do lado direito do sacerdote e entrega a ele a jarra com água, se não há, um segundo ajudante faz isso. O sacerdote deita um pouco de água no pé do fiel, recebe a toalha do terceiro ajudante, enxuga o pé do fiel e devolve a toalha ao ajudante. O sacerdote e os ajudantes levantam-se e passam ao outro homem que terá os pés lavados.

12. Dom Peter Elliot dá algumas outras informações em relação ao rito. Não parece próprio que o sacerdote vá de homem um a outro que terá o pé lavado como que andando ajoelhado, sendo preferível que ele se levante. O gesto de realizar uma inclinação ao aproximar-se do fiel não é obrigatório, porém, parece ser apropriado. Da mesma forma, o rito deve caminhar sem pressa, tendo seu ritmo mantido pela suavidade do momento.

13. Enquanto o sacerdote lava os pés dos fiéis, o coro ou cantores cantam as antífonas propostas pelo Missal (MR p. 248-249) ou outros cantos apropriados. Porém, a Carta Circular Pastoral (CCP) pede-nos que tais cantos apropriados sejam preparados para evidenciar os Mistérios Celebrados, diz-nos: “Os textos litúrgicos dos cantos, destinados a favorecer a participação do povo, não serão facilmente omitidos”, ou seja, o texto deixa transparecer que, para este momento (o Tríduo Pascal em geral), parece ser conveniente que se medite os textos dados pela Liturgia a que se substitua por outros. Da mesma forma, continua a Carta Circular (CCP): “(...) empregue-se o tesouro abundante da música sacra, tanto a antiga como a moderna; contudo, seja sempre assegurada a participação do povo”.

14. Terminado de lavar todos os pés, o sacerdote e os ajudantes retornam ao meio do Presbitério, fazem inclinação ao Presbitério e o adentram. O sacerdote retira o gremial e

entrega a um dos ajudantes. Alguns ajudantes trazem uma bacia, jarra com água, sabonete e uma toalha enxuta para lavar as mãos do sacerdote. Feito isso, eles retiram-se para a sacristia levando o que foi usado para a lavagem dos pés, o sacerdote reveste-se, novamente, com a casula que ficara dobrada na cadeira.

15. A celebração da Santa Missa prossegue com a Oração dos Fiéis, **não** se diz o Credo.

16. Se não houver o rito do Lava-pés, terminada a homilia segue-se a Oração dos Fiéis.

17. A Missa prossegue normalmente. O Missal (MR p. 249) sugere fortemente que haja uma Procissão das Oferendas e nela dá a possibilidade de, enquanto canta-se *Ubi caritas, ibi veritas* (MR p. 249) serem levados ao Altar também os dons destinados aos pobres (talvez, poder-se-ia encaixar neste momento a entrega dos frutos concretos da Campanha da Fraternidade).

18. Se usada a Oração Eucarística I, há o próprio das orações Em Comunhão, Recebei ó Pai e Na Noite que ia ser entregue (com a Consagração) (MR p. 250 – 251), o resto prossegue normal (MR p. 474ss).

19. Daí, a Santa Missa prossegue normalmente com exceção do momento da Consagração. Por proibição do toque de sinos, mesmo a sineta ou sino usado no momento da Consagração **não** deve ser tocada.

Solene Transladação e Adoração do Santíssimo Sacramento

20. Só se realiza a Solene Transladação do Santíssimo Sacramento nos lugares onde, no dia seguinte, será realizado a Solene Ação Litúrgica da Paixão do Senhor (CCP).

21. Terminada a Comunhão dos fiéis, são deixados os cibórios no Altar. O sacerdote (ou diácono) faz a purificação do cálice e, terminada, senta-se. Se houver a necessidade (por exemplo, quando existem vários cibórios com a Eucaristia), podem-se levar algumas delas para o “outro lugar da reposição”, onde ficaram guardadas as hóstias consagradas antes da Missa. Depois de breve momento de silêncio o sacerdote, voltado para o povo, diz “Oremos”, aguarda que a Assembléia levante-se e reza a Oração depois da Comunhão.

22. Enquanto isso, na sacristia, prepara-se a procissão que levará a Eucaristia para o Lugar da Reposição. Os ajudantes acendem os carvões para o turíbulo (ou colocam mais, se este já foi usado e ainda está aceso), preparam a cruz processional e as velas. Há a possibilidade de uso de tochas nesta procissão, se elas forem usadas, já deverão estar acesas pelo meio do momento da Comunhão dos fiéis.

23. Se tochas forem usadas, no momento da Oração depois da Comunhão, elas podem formar duas filas, próximos ao presbitério, voltados para o Altar (o número pode variar

de dois, quatro ou seis de cada lado do sacerdote, se não há tochas, alguns fiéis ou ajudantes podem ajudar levando velas acesas).

24. Como diz a Carta Circular (CCP): “Não se pode nunca fazer a exposição com o ostensório”, logo, fica considerado um abuso grave o uso do ostensório para levar a Santíssima Eucaristia do Altar ao Lugar da Reposição como, da mesma forma, deixá-la exposta desta forma. Para tais ritos, use-se um cibório.

25. Terminada a Oração depois da Comunhão, o cruciferário, ladeado por dois ceroferários, vai para frente do Presbitério e voltam-se para o Altar. Se houver o uso de tochas, eles vão para frente das duas filas. Na Procissão da Reposição é o cruciferário e não o turiferário que a lidera (pois o turiferário ficará mais próximo do cibório).

26. Se usado, um genuflexório deve ser levado para o Altar onde o sacerdote irá incensar o cibório.

27. O sacerdote, especificamente neste caso, não troca a casula pela capa, como faz normalmente nas celebrações processionais. A única diferença é que acima da casula ele usará o véu umeral.

GRÁFICO 1 - PROCISSÃO DA TRASLADAÇÃO



28. O sacerdote aproxima-se do Altar (seja pela frente ou por trás dele) e, junto com o diácono e o cerimoniário, eles genuflectem perante o cibório com a Santíssima Eucaristia e se erguem. Um dos ajudantes (ou o diácono), apresenta o turíbulo ao sacerdote pela sua direita, ele o recebe, coloca incenso e abençoa-o como de costume. Depois, todos se ajoelham e o sacerdote incensa a cibório com três *ductos*. Depois, ainda ajoelhado, recebe do cerimoniário ou do diácono o véu umeral. Levantam-se, então, e aproximam-se do Altar, ao chegar próximo a cibório genuflectem. O turíbulo se coloca atrás da cruz e não na frente (n. 25).

29. O sacerdote toma a cibório com o véu umeral e cobre-o. O coro ou cantores começam a entoar o hino *Pange Lingua* (MR p. 252-253), com exceção das duas últimas estrofes (que começa em “Tão sublime sacramento...”, MR p.253).

30. O sacerdote com o cibório dirige-se para a nave da Igreja, o cruciferário, os ceroferários, o turiferário e aqueles que portam as tochas voltam-se para o outro lado (onde está o lugar da reposição) e inicia-se a procissão que deve mover-se lenta e solenemente.

31. Chegado ao Lugar da Reposição, o sacerdote deposita o cibório no corporal e ajoelha-se. O cerimoniário retira dos ombros dele o véu umeral. Todos, com exceção dos que levam a cruz, as velas e o turíbulo, ajoelham-se (aqui se inclui os fiéis). Começa o canto do “Tão sublime Sacramento...” (MR p. 253).

32. O sacerdote recebe o turíbulo, coloca incenso nele e abençoa-o. Depois, novamente, incensa o Santíssimo com três *ductos*. Terminado o canto, o sacerdote ainda permanece uns momentos adorando o Senhor, mantém-se o silêncio no templo. A Igreja sugere que se guarde a cibório (ou as cibórios, se há mais alguma) em uma arca apenas para este fim.

- a. O sacerdote nada pronuncia nos momentos de adoração, logo, as fórmulas que são comuns ao Rito da Exposição e Benção do Santíssimo Sacramento não se aplicam a este caso.

33. Terminada sua oração silenciosa do sacerdote e o canto, o sacerdote se levanta e, **sem dar a benção final**, dirige-se para a sacristia em procissão com aqueles que trouxeram o Santíssimo, porém, como usual, desta vez, primeiro vai o turiferário, depois o cruciferário ladeado pelos ceroferários. Aqueles que trouxeram tochas, deveriam permanecer um tempo em oração.

34. Os fiéis sejam convidados a permanecerem em adoração, porém, após a Meia-Noite que esta seja realizada sem nenhuma solenidade. Depois da Meia-Noite, Dom Peter Elliot, sugere que neste espírito de não solenidade, sejam retiradas todas as flores e velas, deixando apenas uma vela ou lâmpada ardendo, não se deve usar incenso.

35. Os que deixarem a Igreja o façam silenciosamente.

36. Terminada a Celebração os ajudantes dirigem-se para o Altar e desnudam, silenciosamente, cada um deles. Não se retire apenas as toalhas dos altares, mas também os candelabros e as cruces que podem ser retiradas. As cruces que não puderem ser retiradas sejam cobertas (com a cor vermelha ou roxa – CCP). Se existem imagens com luzes votivas, elas não devem ser ligadas.

Apêndice A – Do lugar da reposição

Como foi colocado no Rito acima, há a necessidade de se preparar um lugar dentro da Igreja que lembre um Altar e que será usado como Altar de “exposição” e adoração ao Santíssimo Sacramento, às vezes, durante toda a noite. Assim, levem-se em consideração que:

1. Deve ser um lugar digno, ornada conforme as rubricas prescritas acima;
2. Não se pode usar o Ostensório para a Adoração desta noite, sendo assim, o cibório (ou cibórios) deverão ficar em exposição. Como já colocado, é considerado abuso grave o uso de um ostensório na “exposição”;
3. Existe a possibilidade de não deixar os cibórios expostos, mas, colocá-los dentro de uma arca que será usada apenas para este fim; se usar-se uma arca como essa, o mais importante é que ela não tenha a forma de um sepulcro.

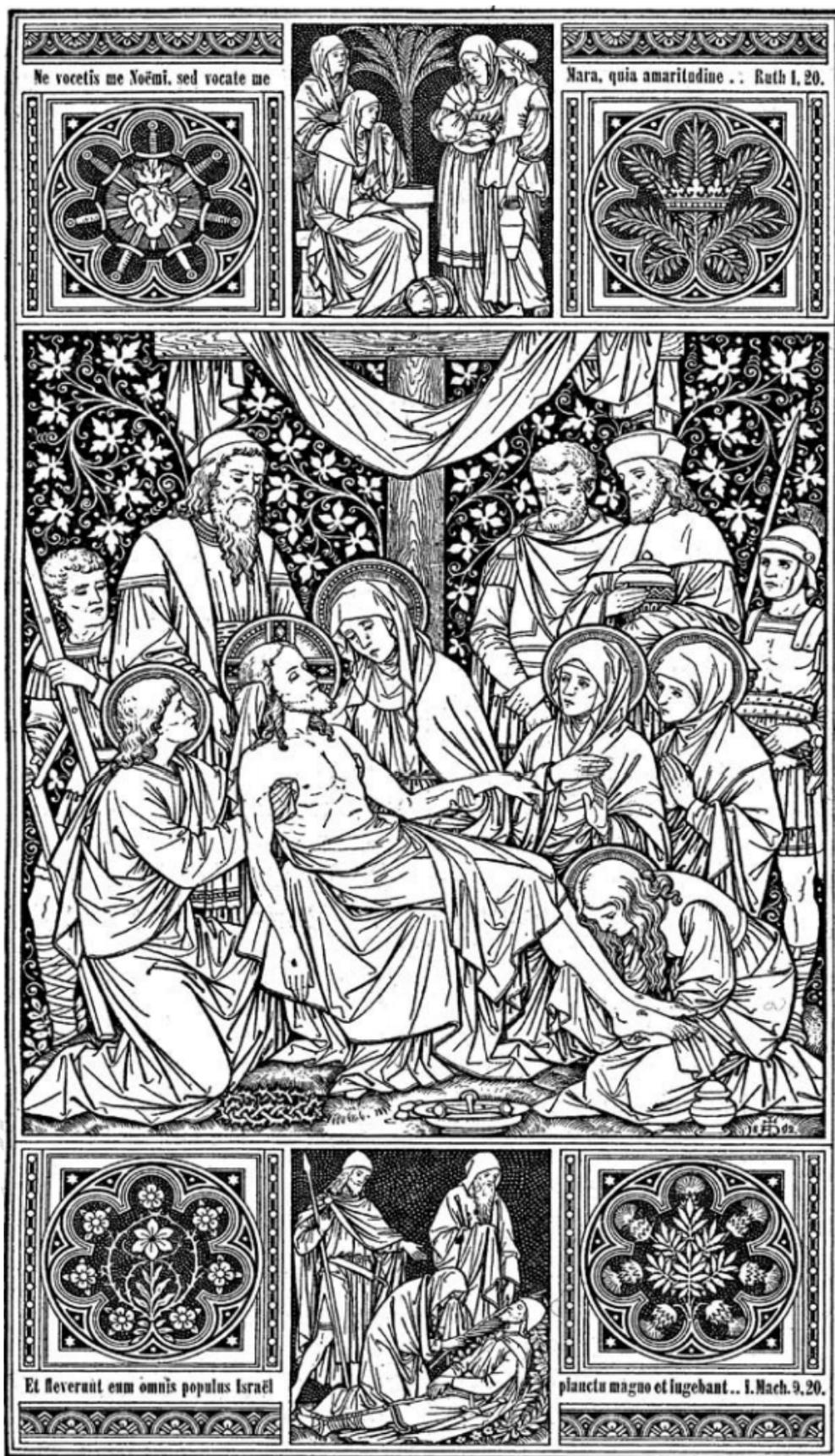
Apêndice B – Da adoração ao Santíssimo Sacramento

É comum e bastante importante que os fieis possam “vigiar junto com o Senhor” nesta noite, assim, propõe-se que haja momentos de adoração ao Senhor Eucarístico, pelo menos, depois da Santa Missa.

Se a Adoração ao Senhor estender-se por toda a noite, observem-se as seguintes regras:

1. Após a meia-noite, como já colocado, não há mais solenidade. Tirar as velas sobressalentes, deixando apenas uma ou duas, além das flores, parece ser o ideal;
2. Para evitar que o Santíssimo Sacramento fique sozinho durante a noite, parece ser interessante a criação de uma escala de horários para que os diversos Grupos, Pastorais e Movimentos possam adorar o Senhor.
3. A Adoração ao Senhor, não apenas pode, mas deve (onde possível) estender-se por toda a noite de Quinta-Feira até a manhã de Sexta-Feira.

IV - SOLENE AÇÃO LITÚRGICA DA PAIXÃO DO SENHOR



“Ecce lignum crucis! Venite, adoremus!”

Introdução geral

A Solene Ação Litúrgica acontece pelas 15 horas, recordando-nos a Paixão e Morte de Nosso Senhor. É o único dia totalmente alitúrgico de todo o ano litúrgico, pois é absolutamente proibido celebrar a Santa Missa neste dia. Da mesma forma, é um dia penitencial, de jejum e abstinência.

O rito da Adoração da Santa Cruz é muito antigo (Bergamini, p.308), sendo comum em Jerusalém já no século V. Desenvolveu-se por todo o Oriente e chegou a Roma, muito provavelmente, na primeira metade do século VIII.

Quanto a Comunhão, neste dia, é interessante notar que até o início da Reforma Litúrgica, na década de 50 no século XX, era reservada apenas ao sacerdote, sendo gradualmente estendida aos fiéis com a Reforma dos Ritos da Semana Santa em 1955.

No final deste documento há um adendo sobre as atividades do Sábado Santo.

Leituras do dia

1º Leitura: Is 52,13-53,12

Salmo Responsorial: Sl 30

2º Leitura: Hb 4,14-16; 5,7-9

Evangelho: Jo 18,1-19,42

Preparação remota

Altar: deve estar sem toalha, capa contra pó ou qualquer outro adereço.

Credência: toalha para o altar, o Missal com sua estante, o lavabo para purificação das mãos, um corporal, um sanguíneo, galheta com água para a purificação.

Sacristia: paramentos vermelhos para o sacerdote e o diácono, o véu umeral, a cruz com ou sem véu, quatro castiçais com velas.

Lugar da Reposição: esteja a cibório com uma lâmpada acesa assentada em um corporal.

Outro lugar de reposição: os outros cibórios, também com uma vela acesa.

Presbitério: livro dos Evangelhos ou Lecionário marcado, a estante ou estantes onde ler-se-á a Paixão do Senhor também está sem nenhuma toalha, se existem tapetes no Presbitério eles também são retirados.

1. Este dia é o único dia alitúrgico do ano. A Comunhão só pode ser dada dentro da Celebração Litúrgica, porém, pode ser distribuída aos doentes a qualquer hora para os doentes. O Sacramento da Penitência pode ser administrado (d. Peter Elliot faz a sugestão de que ele seja administrado antes e depois da Ação Litúrgica, da mesma forma, que seja oferecido fartamente) como o Sacramento da Unção dos Enfermos. Os outros Sacramentos são proibidos de serem realizados (CCP).

2. Este dia é dia de penitência em toda a Igreja, sendo, por isso, dia de jejum e abstinência.

3. Sugere-se veementemente que as Laudes e o Ofício da Leitura (o que antigamente chamava-se “Ofício das Trevas), da Liturgia das Horas, sejam celebrados junto aos fiéis nas primeiras horas da manhã, sendo que abaixo trataremos com mais vagar deste tópico (CCP).

Rito

4. Pelas quinze horas reúnem-se os fiéis para a Celebração da Paixão do Senhor. Por motivos pastorais ela pode ser adiantada ou atrasada, porém, não para depois das vinte e uma horas (CCP).

5. “Respeite-se religiosa e fielmente a estrutura do ato litúrgico da paixão do Senhor (liturgia da Palavra, adoração da Cruz e Santa Comunhão), que provém da antiga tradição da Igreja. A ninguém é lícito fazer mudanças por conta própria” (CCP). Disso podemos ver que:

- a. As Leituras não podem ser trocadas por nenhuma outra.
- b. A leitura da Paixão de Nosso Senhor não pode ser substituída por nenhuma outra forma (por exemplo, o teatro ou encenação, o que, inclusive, é considerado como erro litúrgico grave).
- c. Não se omita nenhuma Leitura.
- d. Não se adiciona nada ao Rito.

6. O Altar deve estar sem ornamentos: sem toalhas, sem crucifixo, sem velas e sem flores.

7. O sacerdote, junto com os ministros e ajudantes, adentra a Igreja. **Não são levadas velas ou cruces nesta procissão. Não há música ou canto.** Os fiéis estão em pé. Ao aproximar-se do Altar fazem uma inclinação profunda, os ajudantes e ministros sobem ao Presbitério. O sacerdote (e o diácono, se há algum) prostra-se, ou ajoelha-se, diante do Altar (significando a humilhação do “homem terreno” – CCP). Seguindo o exemplo do sacerdote, os fiéis ajoelham-se e oram silenciosamente.

8. Depois de algum tempo o sacerdote levanta-se. Os fiéis e os ministros seguem o exemplo do sacerdote e colocam-se em pé. O sacerdote sobe ao Altar, porém, não o beija.

Continua de mãos unidas, não faz a saudação comum (“Em nome do Pai... etc.”) e dirige-se a cadeira. Um acólito toma o Missal Romano da credência e apresenta-o ao o sacerdote, que estende as mãos (**não diz “Oremos”**) e escolhe uma das duas orações propostas (MR p. 254):

- a. Ó Deus, foi por nós que o Cristo, vosso Filho,
Derramando seu sangue... Etc.
 - b. Ó Deus, pela paixão de nosso Senhor Jesus Cristo
Destruíste a morte... Etc.
9. Terminada a oração, todos se assentam.

Liturgia da Palavra e Oração Universal

10. As Leituras, junto com o Salmo Responsorial, são proclamadas em sua íntegra.
11. A Paixão do Senhor é cantada, ou lida, seguindo a mesma forma que o Domingo de Ramos. Observe-se a mesma regra que apresentada anteriormente:
 - a. **Não se usam velas ou incenso!**
 - b. O sacerdote **não diz** “O Senhor esteja...”, logo, o povo **não** responde: “Ele está...”.
 - c. Ao dizer “Paixão de Nosso Senhor...” o sacerdote **não** faz o sinal da cruz no livro e o povo **não** responde “Glória a Vós...”.
 - d. No momento designado, da Morte do Senhor, há uma breve pausa, **silêncio** e todos se **ajoelham**.
 - e. O sacerdote encerra o texto normalmente, porém, **não beija** o livro.
 - f. A leitura da Paixão pode ser dividida entre alguns leitores e o sacerdote (ou diácono). Cuide-se para que o papel de Cristo fique sempre que possível com o sacerdote (ou diácono, se um deles estiver presente). Tradicionalmente a Leitura da Paixão é feita entre três pessoas em três estantes, a do meio é o narrador, Cristo a sua direita e a multidão a sua esquerda.
12. Terminada a Leitura da Paixão do Senhor, segue-se a homilia (CCP). Pode-se deixar alguns momentos de silêncio para a meditação pessoal após a homilia.
13. Terminada a homilia ou o momento de silêncio que a seguir inicia-se a Oração Universal. A Oração Universal, que são dez orações que resumem as intenções do mundo todo, compõem-se de uma introdução e a oração, propriamente dita. Os fiéis podem permanecer em pé ou ajoelhados durante todo o tempo. **Tradicionalmente**, depois de feita a introdução o diácono (na falta dele o sacerdote) diz: “Ajoelhemo-nos” e, terminada a oração, diz “levantemo-nos”.
14. A introdução das orações é feita pelo diácono, ou, na falta dele, por um leitor, do ambão. O sacerdote reza de seu lugar, normalmente, a sua cadeira.

15. Terminada a Oração Universal, pode-se sentar e, onde é costume, realiza-se a Coleta para a Terra Santa. Se não for feito nada, segue-se a Adoração da Cruz.

Apresentação e Adoração da Santa Cruz

16. Todos estão em pé. O sacerdote, como pastor, pode escolher entre uma das formas de Apresentação da Cruz. Dom Peter sugere que, com alguma facilidade, pode-se mesclar um rito ao outro.

17. Seja usada **uma única cruz** no momento da Adoração, independente do número de fiéis presentes a Celebração. Preferencialmente, que esta tenha certo valor artístico (CCP).

Primeira forma da apresentação da Santa Cruz

18. Uma cruz, velada com panos vermelhos, é carregada ao Presbitério por um ministro (ou diácono), acompanhado por dois ajudantes com velas acesas. Eles entregam a cruz ao sacerdote que está diante do Altar, ele recebe-a reverentemente. Um ajudante levando o Missal pode aproximar-se do sacerdote e manter o livro aberto. Depois, o sacerdote descobre a parte superior da Cruz, enquanto canta: “Eis o lenho da cruz... etc.” e o povo responde: “Vinde, adoremos!” (MR p. 261). Terminado o canto, o sacerdote permanece em pé, enquanto todos se ajoelham e rezam em silêncio por alguns instantes.

19. Os fiéis levantam-se. O sacerdote descobre o braço direito da cruz, enquanto canta: “Eis o lenho da cruz... etc.” e o povo responde: “Vinde, adoremos!” (MR p. 261). Terminado o canto, o sacerdote permanece em pé, enquanto todos se ajoelham e rezam em silêncio por alguns instantes.

20. Os fiéis levantam-se, pela última vez. O sacerdote descobre toda a cruz, enquanto canta: “Eis o lenho da cruz... etc.” e o povo responde: “Vinde, adoremos!” (MR p. 261). Terminado o canto, o sacerdote permanece em pé, enquanto todos se ajoelham e rezam em silêncio por alguns instantes.

- a. O diácono ajudará o sacerdote cantando a Exortação. Por motivos pastorais, o coro também poderá fazê-lo.
- b. Terminada a apresentação da Santa Cruz, um ajudante leva o véu que cobria a cruz para a credência.

21. O sacerdote, então, ladeado por dois ministros com velas acesas, dirige-se a entrada do presbitério (talvez, descendo e ficando no primeiro degrau). Ele mesmo deposita a Cruz lá e os ajudantes deixam as velas a esquerda e a direita dela. Segue-se a adoração da Cruz por parte do sacerdote e do povo (n.27)

Segunda forma de apresentação da Santa Cruz

22. O sacerdote ou o diácono dirige-se para o fundo da Igreja, junto com ministros portando as velas apagadas. Chegando ao fundo da Igreja toma a Cruz sem o véu. Acendem-se as velas. No fundo da Igreja, voltado para o Altar, o sacerdote canta: “Eis o lenho da cruz... etc.” e o povo responde: “Vinde, adoremos!” (MR p. 261). Terminado o canto, o sacerdote permanece em pé, enquanto todos se ajoelham e rezam em silêncio por alguns instantes.

23. Segue o sacerdote, junto com a procissão, até o meio da Igreja onde para e canta: “Eis o lenho da cruz... etc.” e o povo responde: “Vinde, adoremos!” (MR p. 261). Terminado o canto, o sacerdote permanece em pé, enquanto todos se ajoelham e rezam em silêncio por alguns instantes.

24. Por fim, na entrada do Presbitério, o sacerdote pára pela última vez e canta: “Eis o lenho da cruz... etc.” e o povo responde: “Vinde, adoremos!” (MR p. 261). Terminado o canto, o sacerdote permanece em pé, enquanto todos se ajoelham e rezam em silêncio por alguns instantes.

25. Depois, coloca-se a cruz a entrada do presbitério, ladeada por duas velas.

Adoração da Santa Cruz

26. A cruz deve ser colocada na entrada do Presbitério para que os fiéis a adorem. Existem algumas formas de fazê-lo:

- a. O sacerdote pode depositá-la em um pedestal, deixando os castiçais a seu lado.
- b. O próprio sacerdote, ou diácono, ou mesmo algum dos ministros, pode segurar a cruz, ladeado por outros dois ministros segurando as velas.
- c. A cruz é deixada em uma mesa, tendo sempre um ministro por perto, além das velas queimando.

27. O sacerdote será o primeiro a adorar a Santa Cruz, fazendo-o da seguinte forma:

- a. Enquanto a Cruz é deixada ladeada pelas velas, faz-se silêncio;
- b. O sacerdote volta a sua cadeira junto com o Mestre de Cerimônias e o diácono;
- c. Auxiliado pelo Cerimoniário o sacerdote despe a sua casula e, se possível, também seus calçados (cf. Cerimonial dos Bispos – CB n. 322);
- d. O sacerdote, junto com o diácono, Cerimoniário e outros ministros vai para a frente da Cruz, formando uma fila, os fiéis seguirão atrás;
- e. O sacerdote pode, e deve, genuflectir para a Santa Cruz e depois beijar os pés de Nosso Senhor crucificado;
- f. Após, ele volta para a cadeira, onde calçará seus sapatos e recolocará a casula com a ajuda do Mestre de Cerimônias;

- g. Em seguida, ficará ainda em sua cadeira, sentado, aguardando o término do rito, ou seja, a Adoração da Cruz feita pelos fiéis.
28. O povo dirige-se em fila até onde está a cruz, faz-lhe reverência: a genuflexão simples (MR p. 261) e beija-a.
29. Seria interessante manter um ministro junto à cruz com um sanguíneo para limpá-la após cada beijo dado pelos fiéis.
30. Enquanto os fiéis aproximam-se da Cruz, o coro canta as “Lamentações” (MR p. 261-263) ou os outros hinos propostos (MR p. 263-266).
31. Terminada a Adoração da Cruz, prossegue-se ao Rito da Comunhão. A cruz é deixada no Altar, em seu lugar habitual, flanqueada por velas, tendo o *corpus* voltado para os fiéis (o *corpus* da cruz é entendido como a imagem de Nosso Senhor crucificado). Se o Altar não está preparado, deve-se fazê-lo neste momento, antes de deixar a cruz nele.
32. Se o número de fiéis for muito grande que tomaria tempo demais para realizar-se a adoração da Santa Cruz, todos a realizam ao mesmo tempo. O sacerdote toma a cruz, vai à frente do Altar e todos se ajoelham, ficam assim por uns instantes adorando a Cristo crucificado. O sacerdote, achando o tempo apropriado, devolverá a cruz a um dos ajudantes que a colocará no Altar (n.31).
33. Sejam lembrados os fiéis que, ao beijarem a Santa Cruz devotamente e, seguindo as normas costumeiras, lucram indulgência plenária para si ou para uma alma do Purgatório.

Rito da Comunhão

34. Terminado o Rito de Adoração da Cruz, uma toalha é estendida sobre o Altar. Um dos ministros abre um corporal no centro do Altar, à esquerda deste coloca-se o Missal. Arruma-se o microfone. Os fiéis podem permanecer sentados.
- a. Não se colocará apenas o corporal acima do Altar, deve-se colocar a toalha branca e, em cima dela, o corporal.
35. O diácono, ou na falta dele o próprio sacerdote, recebe o véu umeral e junto a dois ministros com velas acesas, dirige-se ao Lugar de Reposição pelo caminho mais curto. O povo levanta-se. O sacerdote toma a cibório e dirige-se ao Altar.
36. Os outros ministros que foram para o outro lugar de reposição pegar mais cibórios devem esperar o sacerdote antes de colocá-las no corporal.
37. O sacerdote chega ao Altar, as velas são deixadas no Altar (somam-se quatro: duas da Cruz, mais duas agora). O sacerdote deixa a cibório no Altar, faz genuflexão e retira o véu. Um ajudante guarda o véu. O sacerdote recebe os outros cibórios.
38. De mãos unidas, o sacerdote convida o povo a rezar o Pai Nosso (que ele reza de braços abertos – MR. p. 267). Segue a oração “Livrai-nos de todos os males...” e a resposta

do povo. Não se dá a paz (CCP). O sacerdote reza a oração abaixo em silêncio “Senhor Jesus Cristo: vosso Corpo e... etc.”, depois, toma uma hóstia e elevando-a sobre a cibório diz: “Felizes os convidados...” no que o povo responde como o habitual. O sacerdote comunga.

39. Prossegue-se o Rito de Comunhão do povo como habitual. Um canto pode ser cantado.

40. Terminada a Comunhão, as hóstias que sobraram são levadas para o outro lugar de reposição que estará longe das vistas dos fiéis. Apenas em casos de extrema necessidade se voltam às hóstias para o tabernáculo ou para o Lugar de Reposição onde esteve de Quinta para Sexta-Feira.

41. O sacerdote purifica os vasos como de costume, consumindo a água, depois realiza a purificação dos dedos e volta a sua cadeira.

42. O Missal sugere que se façam uns minutos de silêncio (MR p. 268).

43. O sacerdote levanta-se, junto com o povo, e diz “Oremos”, segue então a Oração Depois da Comunhão (MR p. 268).

44. Terminada a Oração depois da Comunhão, o sacerdote, voltado para o povo, estende as mãos e faz a Oração sobre o povo que começa com “Que a vossa benção, ó Deus... etc.” (MR p. 269). Esta prece serve como oração de despedida. O sacerdote e os ajudantes vão para frente do Altar e saúdam a Cruz (o sacerdote não beija o Altar), com as quatro velas que ficaram acesas, genuflectindo e dirigem-se a sacristia em silêncio. Os que saem, devem sair em silêncio e este deve ser mantido em todos os lugares.

45. Retira-se a Cruz do Altar e leva-a para outro lugar, por exemplo, uma capela dentro da Igreja ou o Lugar de Reposição, onde ficará em exposição para os fiéis junto com as quatro velas.

46. Os altares são desnudados e assim ficarão até pouco antes da Vigília Pascal.

Apêndice A – Do chamado “Ofício das Trevas”

Diz-nos o CCP (n.40): “É recomendada a celebração comunitária do ofício da leitura e das laudes matutinas na Sexta-feira da paixão do Senhor, e também no Sábado Santo. Convém que nele participe o bispo, na medida em que é possível na igreja catedral, com o clero e o povo. Este ofício, outrora chamado *das trevas*, conserve o devido lugar na devoção dos fiéis, para contemplar em piedosa meditação a paixão, morte e sepultura do Senhor, à espera do anúncio da sua ressurreição”.

Assim, deve-se levar em conta esse pedido feito pela Santa Sé em relação ao que se pode realizar pela manhã da Sexta-Feira Santa.

Alguns detalhes devem ser observados:

1. O Ofício das Leituras e as Laudes deste dia estão presentes no segundo volume da Liturgia das Horas, sendo o Ofício das Leituras as páginas 408 a 417 e as Laudes da página 417 até 422.
2. O Responsório das Laudes está modificado, conforme consta na página 421.
3. Se o sacerdote ou diácono não presidir ao “Ofício das Trevas” a pessoa que o conduzir deve observar que é um entre iguais, logo, não sobe ao Presbitério, não saúda o povo e não dá a bênção final.

Apêndice B – Dos piedosos exercícios

É bastante comum a existência de outros exercícios piedosos na Sexta-Feira da Paixão do Senhor, conforme lembra-nos o documento (CCP):

“Por causa da importância pastoral, não sejam descuidados os piedosos exercícios, como a Via Sacra, as procissões da paixão e a memória das dores da bem-aventurada Virgem Maria. Os textos e os cantos desses piedosos exercícios e aqueles da celebração litúrgica sejam compostos de maneira tal que o ato litúrgico se torne bem superior por sua natureza a todos esses exercício” (CCP).

Assim, sempre que houver outros exercícios, eles devem ser colocados como opcionais, deixando a centralidade do dia para a própria Ação Litúrgica.

V – SÁBADO SANTO

Neste dia, a Igreja está junto ao sepulcro do Senhor, assim, o dia será um dia de silêncio, quietude e meditação.

Por definição, a “Solene Vigília Pascal” não faz parte do Sábado nem, tampouco, é a última ação deste dia, ao contrário, é a primeira ação do Domingo da Ressurreição, assim, é de extrema importância que os fieis possam entender essa sutil diferença.

Neste dia não se celebra a Santa Missa, nem Matrimônio, porém, pode-se celebrar os Sacramentos da Unção dos Enfermos e da Penitência. A Santa Comunhão pode ser dada apenas como Viático.

A Cruz que fora usada na Solene Ação Litúrgica pode, e deve, permanecer no Santuário, junto, talvez, com uma imagem de Nosso Senhor Morto (muitas vezes, a mesma que fora levada na procissão na Sexta-Feira).

É vivamente recomendado, como vimos acima, que neste dia, exatamente como na Sexta-Feira, seja celebrado as Laudes e o Ofício das Leituras, como acima, presentes no segundo volume da Liturgia das Horas, sendo o Ofício das Leituras as páginas 434 a 441 e as Laudes da página 441 até 446. Os paramentos para a celebração são roxos.

Seria muito interessante que, caso haja sacerdotes disponíveis, celebre-se o Sacramento da Penitência.

Aos que estão envolvidos com a Liturgia neste dia, deve-se ter em mente a preparação mais remota que é a própria limpeza e decoração de todo o templo. Depois, deve-se ter certeza de que tudo está devidamente preparado para a Celebração da Vigília Pascal.

Aqueles que são obrigados a rezar ou rezam por devoção a Liturgia das Horas devem rezar a Véspera correspondente do dia, porém, as Completas e o Ofício das Leituras são recitados apenas por aqueles que não tomaram parte na própria Vigília.

VI - SOLENE VIGÍLIA PASCAL



*“Ó noite em que Jesus rompeu o inferno ao ressurgir da morte vencedor,
De que nos valeria ter nascido se não nos resgatasse seu amor?”*

(Exsultet – Precônio Pascal)

Introdução geral

São vários os ritos que se aglutinaram a volta da Santa Missa da Vigília Pascal. Primeiro, devemos lembrar-nos que esta Celebração Eucarística fora celebrada durante muito tempo estendendo-se por toda a madrugada, porém, progressivamente ela foi antecipada cada vez mais para a tarde, chegando mesmos a ser celebrada na manhã do Sábado. Novamente, foi a Reforma da Semana Santa, em 1955, que permitiu que ela retornasse a seu caráter de vigília, colocando-a a noite.

Nesta noite, juntamo-nos a toda a Igreja para, solenemente, rememorarmos a Páscoa do Senhor, a passagem da morte para a vida verdadeira. Lembra-nos Bergamini (p. 351): “Poucas celebrações litúrgicas são tão ricas de conteúdo e de simbolismo como a Vigília Pascal. O coração do ano litúrgico, do qual se irradiam todas as outras celebrações, é esta Vigília, que culmina com a oferta do sacrifício pascal de Cristo. Nesta noite sana, a Igreja celebra, de modo sacramental mais pleno, a obra da redenção e da perfeita glorificação de Deus, como *memória, presença e expectativa*”.

Nesta Celebração, há a benção do fogo novo e acendimento de círios (conhecido em grande parte do Oriente já no século V, porém, levada para Roma apenas entre os séculos IX e X), a Proclamação da Páscoa (com o belíssimo canto do *Exsultet*), a leitura das Profecias (as sete leituras, junto com a epístola e o Evangelho, lembrando o antigo uso da Igreja de ler vários textos de uma única vez), o canto do Glória (que ficou silencioso durante a Quaresma) e o grande Aleluia, além, é claro, do ponto culminante da Celebração que é a Santa Missa.

Leituras do dia

1º Leitura (A Criação): Gn 1,1-2,2 (forma resumida: 1,1.26-31a)

Salmo Responsorial: Sl 103

2º Leitura (O sacrifício de Abraão): Gn 22,1-18 (forma resumida: 1-2.9a.10-13.15-1)

Salmo Responsorial: Sl 15

3º Leitura (A passagem do Mar Vermelho): Ex 14,15-15,1

Canto de resposta: Ex 15,1-5.17-18

4º Leitura (A nova Jerusalém): Is 54,5-14

Salmo Responsorial: Sl 29

5º Leitura (A salvação oferecida a todos gratuitamente): Is 55,1-11

Canto de resposta: Is 12,2.4-6

6º Leitura (A fonte da Sabedoria): Br 3,9-15.32-4,4

Salmo Responsorial: Sl 18

7º Leitura (Um coração novo e um espírito novo): Ez 36.16-28

Salmo Responsorial: Salmos 41 e 42

Epístola (8º Leitura): Rm 6,3-11

Salmo Responsorial: Sl 117

Evangelho:

Ano A: Mt 28.1-10

Ano B: Mc 16, 1-8

Ano C: Lc 24.1-12

Preparação remota

Altar: as melhores alfaias devem estar preparadas (toalhas, por exemplo), todas na cor branca; o Livro dos Evangelhos deve permanecer no Altar (ele não entrará na procissão); flores, segundo o costume; o Lecionário deve estar preparado no ambão; o castiçal para o Círio Pascal deve estar próximo do ambão, podendo estar ricamente decorado; a cruz processional já pode estar no Altar; duas, quatro ou seis velas (não acesas) em candelabros em cima do Altar.

Credência: o usual para a Missa Solene; se houver Batismo os Santos Óleos devem estar lá, juntamente com o material para o padre limpar as mãos, além do “Ritual do Batismo” seja ele de crianças ou de adultos.

Sacristia: paramentos brancos para o sacerdote e o diácono, o Círio Pascal, turíbulo e naveta, velas para o sacerdote e os outros ministros.

Lugar do Lucernário: uma estrutura montada para a fogueira; o Círio Pascal (se ele não vier da sacristia); um estilete, caso o sacerdote for realizar as incisões no Círio.

1. Esta é a mãe de todas as Vigílias (Santo Agostinho), por isso, deve ser celebrada com a máxima solenidade e sem pressa. Os fiéis sejam admoestados a irem a esta celebração sem terem pressa e aproveitarem cada momento e símbolo.
2. A Celebração é composta de quatro partes distintas (Lucernário, Liturgia da Palavra, Batismal e Eucarística), sendo que sua ordem não pode e nem deve ser alterada (CCP).
3. “Para uma melhor celebração da Vigília pascal exige-se que os próprios pastores adquiram um conhecimento mais profundo dos textos e dos ritos, a fim de que possam transmitir uma verdadeira mistagogia” (CCP). Em alguns lugares, alguns minutos antes da Celebração, experimentou-se, com êxito, realizar uma breve exposição sobre os ritos e significados
4. A Celebração da Solene Vigília Pascal seja indicada não como o último ato do Sábado Santo, mas, como o primeiro da Páscoa do Senhor (“...na noite da Páscoa”) (CCP), da mesma forma, lembra-nos o Missal (MR p.270): “Mesmo celebrada antes da meia-noite, a Missa da vigília é a verdadeira Missa do domingo de Páscoa”.
5. A Vigília, da mesma forma, seja sempre celebrada a noite, “de modo que não comece antes de anoitecer e sempre termine antes da aurora de domingo” (MR p. 270).
6. Para assegurar maior solenidade ao Rito, seria interessante que todas as partes que podem ser cantadas o fossem, observando-se sempre as rubricas do Missal e não havendo mudança nos textos.

Rito

7. Velas devem ser entregues a todos os fiéis antes do início da Celebração. Se esse não for o costume (ou, isso não for possível) avise-se os fiéis com antecedência para trazerem as velas de suas casas.
8. O tabernáculo ainda está vazio e aberto, se existirem Hóstias, elas estão no “outro lugar de reposição”.

Liturgia da Luz ou Lucernário

9. “Sendo possível, prepare-se fora da igreja, em lugar adequado, a pira para a bênção do fogo novo, cuja chama possa de fato dissipar as trevas e iluminar a noite” (CCP). Para a melhor representação do próprio símbolo uma verdadeira fogueira, feita com gravetos ou outros materiais. Em alguns lugares manteve-se a tradição de se acender a fogueira “da pedra”, ou seja, usando uma espécie de pederneira, para reafirmar o sinal de um “fogo novo”.

10. Sempre importante ressaltar que, caso a fogueira já estiver acesa, deve-se manter suas chamas em uma altura razoável e, logo após o término desta primeira parte, deve-se apagá-la para evitar qualquer tipo de problema.

11. Deve-se ter em conta que, independente do clima, é interessante sempre ter-se duas fogueiras preparadas que correspondem as duas formas de celebração do Lucernário: a primeira é uma fogueira fora do ambiente do templo, (na rua a sua entrada ou no estacionamento da igreja, talvez) onde se poderá congregiar todo o povo (sendo que, idealmente esta forma é a desejada). Porém, se isso não for possível ou o tempo estiver inclemente (chuva, por exemplo) é bom que se tenha preparado um recipiente (um tacho ou balde) de tamanho limitado com gravetos e madeira e que servirá como fogueira, sendo deixado na porta da Igreja (idealmente, com a chegada do Círio Pascal ao Presbitério, esta, por estar dentro da Igreja, deve ser apagada).

12. No local onde se inicia a celebração, deve-se fazer presente uma forma de se acender o Círio da Fogueira. Várias formas existem, por exemplo, uma grande vela (que não o Círio), um pedaço grande de madeira que terá sua ponta incendiada ou um dos (infelizmente) antigos acendedores/apagadores de velas (acima falamos da pederneira).

13. Antes do início da celebração, a Igreja deve estar em completa escuridão.

14. Na hora marcada, o sacerdote e os ajudantes deixam a sacristia. Leva-se o turíbulo, já aceso, porém sem incenso; o Missal Romano; se o sacerdote não levar o Círio (e sim o diácono) prepare-se uma vela para o sacerdote, da mesma forma, os que nada levam carregam velas apagadas e ajudarão no acendimento das velas dos fieis do mento da entrada do Círio.

Benção do fogo e Lucernário

Primeira forma: quando se pode acender uma fogueira

15. Chegando ao lugar onde está o Fogo Novo todos se posicionam. O sacerdote deve estar voltado para a fogueira, àquele que porta o livro a sua esquerda, se há diácono, a sua direita. O turíbulo e a naveta estejam por perto. O Círio já deve estar lá com o diácono ou, se não há diácono, deve estar com algum dos ajudantes.

- a. Não se leva a cruz processional neste momento, pois quem conduzirá a “Procissão de Entrada” será o Círio Pascal aceso, assim, a própria cruz estará no Presbitério já servindo de cruz do Altar. Se outra cruz é usada como cruz do Altar a cruz processional não é usada na Celebração.
- b. Uma indicação aqui seria bastante importante: pelo grande número de vezes que o Missal deverá ser apresentado ao sacerdote durante toda a Celebração, parece ser mais interessante manter uma pessoal segurando-o nesta primeira parte da Santa Missa do que colocá-lo e retirá-lo várias vezes da estante.

16. Os fiéis estão, da mesma forma, do lado de fora da Igreja, à volta da fogueira. Aqueles que ajudam na Celebração devem assegurar que os fiéis estejam razoavelmente longe da fogueira, porém, ainda assim próximos o suficiente para ouvir o sacerdote.

17. O sacerdote inicia a Celebração como usual: “Em nome do Pai... etc.” e realiza uma das saudações segundo o costume: “A Graça de Nosso Senhor Jesus Cristo... etc.” ou qualquer das outras previstas no Missal (MR p. 389-390). Depois, com o texto do Missal (MR p. 271) ou algumas breves palavras, introduz o significado do Rito.

Meus irmãos e minhas irmãs.

Nesta noite santa... Etc.

18. Em seguida, o sacerdote diz ou canta “Oremos” e permanece em silêncio e de mãos unidas, depois, reza a oração de bênção do fogo novo (MR p. 271). No momento marcado, ele faz o sinal da cruz sobre o fogo.

- a. Por mais que seja costume em alguns lugares, não se prevê a aspersão da fogueira. Logo, que esta não seja feita.

19. Se parecer oportuno realçar a dignidade do momento, prossegue-se com a gravação da cruz e da data, além da incisão dos grãos de incenso (n. 20-21). Senão, segue-se ao acendimento do Círio (n. 22).

20. Um ministro (ou o diácono) apresenta ao sacerdote o Círio. O sacerdote toma o estilete e traça, em ordem, os símbolos no Círio dizendo as orações correspondentes (MR p. 272) primeiro a cruz (MR p. 272 n. 1-2), depois as letras gregas alfa e ômega (MR p. 272 n. 3-4) e, em seguida, o ano corrente (MR p. 272 n. 5-8).

21. Terminada a incisão, um ministro apresenta ao sacerdote os cinco “grãos de incenso”. Pode ser necessário aquecer a ponta de ferro de cada um dos “grãos” para que eles consigam penetrar a cera (talvez, pode-se ter perfurado o Círio antes e o sacerdote apenas inseriria os “grãos” nele). O sacerdote insere-os na ordem na cruz, dizendo as orações correspondentes: três “grãos” na haste vertical e dois na horizontal (MR p. 272).

22. Então, um dos assistentes toma do fogo novo (com outra vela, ou pequeno círio, por exemplo) o que será usado para acender o Círio e o entrega o sacerdote. Tendo nas mãos o fogo novo, o sacerdote diz a oração e acende o Círio.

A luz do Cristo que ressuscita resplandecente

Dissipe as trevas de nossos corações e mentes.

23. Forma-se a procissão para a entrada na Igreja. Aquele que porta o Missal (librifero) se afasta e fecha-o. Algumas brasas da fogueira devem ser, neste momento, colocadas dentro do turíbulo por um dos ajudantes. O que leva o turíbulo e a naveta apresentam-se para o sacerdote que coloca incenso no turíbulo e o abençoa normalmente, sem nada dizer. O turiferário toma a frente da procissão. O sacerdote ou diácono toma o Círio e dirige-se para a

porta da Igreja. Todos os ministros tomam seus lugares, formando duas filas, preferencialmente seguidos pelos fiéis, da mesma maneira.

Segunda forma: quando não se pode acender uma fogueira, ou o povo não pode deixar a igreja

24. Caso não haja a possibilidade dos fiéis deixarem o Templo, o sacerdote e os ministros reúnem-se na porta da Igreja junto ao fogo novo. Os fiéis sejam aconselhados a voltar-se para a porta. O rito de acendimento do Círio prossegue como acima (n.17-19), sendo que, se for oportuno, faz-se também as incisões (n.20-21) e, sem seguida, o acende (n.22-23).

Procissão

25. Forma-se a procissão de entrada no Templo segundo o digrama abaixo, com a exceção de que, caso seja o diácono que carregue o Círio Pascal, o sacerdote vai para trás dele.

GRÁFICO 1- PROCISSÃO DE ENTRADA COM O CÍRIO



26. Tendo o turíbulo a sua frente, o sacerdote (ou diácono) carregando o Círio ergue-o por alguns instantes, ele canta o texto: "Eis a Luz de Cristo!" e aguarda a resposta da Assembléia: "Demos graças a Deus!" (MR p. 273). Talvez, pela amplitude da Igreja, pode fazer-se necessário que o sacerdote use um microfone, um ajudante poderá segurá-lo.

27. A procissão prossegue para a entrada da Igreja. Erguendo o Círio por alguns instantes, ele canta o texto: "Eis a Luz de Cristo!" e aguarda a resposta da Assembléia: "Demos graças a Deus!" (MR p. 273). Começa-se a acender as velas.

- a. O acendimento das velas deve ser realizado com paciência, evitando todo e qualquer tumulto e balbúrdia. Os ajudantes pegam suas próprias velas, acendem-nas no Círio e começam a acender as velas dos fiéis. A procissão

pode continuar, porém, sempre em passos lentos, enquanto os fiéis entram na igreja de velas acesas e tomam seus lugares.

28. Chegando ao altar e, preferencialmente depois de todos os fiéis estarem em seus lugares, o sacerdote (ou diácono) toma o Círio, volta-se para o povo, ergue-o razoavelmente e canta pela terceira vez: “Eis a Luz de Cristo!” e aguarda a resposta da Assembléia: “Demos graças a Deus!” (MR p. 273).

29. Depois, o sacerdote sobe ao Altar, deixa o Círio em seu candelabro, faz a reverência e vai para sua Cadeira. A procissão prossegue, enquanto que aqueles que subirão ao Presbitério, em pares, farão a devida reverência antes de adentrá-lo. Os ministros se posicionam em seus lugares no Presbitério com a ajuda do Mestre de Cerimônias.

30. Sem ser o canto entoado pelo sacerdote, **não há outro canto** ou música na procissão.

31. O Missal pede que se acendam as luzes neste momento (porém, não as velas do Altar que continuam apagadas). Dom Peter Elliot faz outra sugestão (p. 280): “As luzes da igreja deveriam ser acesas neste momento, mas na prática parece muito melhor esperar até o fim do *Exsultet* (o canto da Proclamação da Páscoa) e, onde for possível, aumentar a luz gradualmente até a igreja estar totalmente iluminada no *Gloria*”.

Proclamação da Páscoa

32. O turiferário, junto com o naveteiro, apresenta-se ao sacerdote que coloca incenso e abençoa-o com o sinal da cruz, sem nada dizer. Se há diácono, ele aproxima-se do sacerdote e pede a benção (MR p.274), se não a benção não é proferida. Aquele que proclamará a Páscoa é precedido pelo turiferário até o ambão.

33. O sacerdote, ou diácono, aproxima-se do livro (que pode ser o Missal) e que está no ambão, incensa-o normalmente com três *ductos*, depois, incensará o Círio, da mesma forma. Estando todo o povo em pé e com as velas acesas, ele canta a Proclamação da Páscoa (MR p. 274-276). O turiferário ficará perto do ambão.

34. Por motivos pastorais, pode-se cantar a Proclamação da Páscoa em sua forma abreviada (MR p. 276-278).

35. Da mesma forma, se for conveniente, um cantor pode cantar a Proclamação em qualquer de suas formas, porém, deve-se ter em conta o seguinte:

- a. O cantor não incensa o livro ou o Círio, nem o sacerdote o faz pelo cantor.
- b. Em ambas as formas (normal e breve), nas palavras “E vós, que estais aqui irmãos queridos” até “de sua luz um raio me traspasse!”, além da saudação “O Senhor esteja convosco” e da resposta “Ele está no meio de nós” não devem ser feitas.

- c. Não se deve adaptar o texto da saudação e da resposta se o canto for feito por um cantor, ele simplesmente, não deve fazê-lo.

36. Terminada a Proclamação, o turíbulo é levado para a sacristia. As velas são todas apagadas. Todos se sentam. Um dos ministros troca o livro que foi usado para o canto da Proclamação da Páscoa pelo Lecionário.

Liturgia da Palavra

37. Esta parte compreende a Leitura Tradicional das “Profecias”, sendo composta de sete Leituras do Antigo Testamento e mais duas (uma epístola e o Evangelho) do Novo Testamento. Lembra-nos a Carta Circular (CCP): “elas descrevem os acontecimentos culminantes da história da salvação, que os fiéis devem poder meditar serenamente em seu ânimo, através do canto do salmo Responsorial, o silêncio e da oração do celebrante”.

38. A cada uma das leituras, segue-se um salmo ou outro cântico Responsorial bíblico. Eles não podem ser substituídos por canções populares ou religiosas (CCP).

39. Deve-se fazer o máximo esforço para se poder meditar todas as sete Leituras do Antigo Testamento. Onde, por razões pastorais, isso não for possível, leia-se no mínimo, três (entre os textos da Lei e dos profetas) e em casos absolutamente extraordinário duas. A leitura do Êxodo (Ex 14) nunca pode ser omitida (CCP). A leitura do Novo Testamento e o Evangelho não é alterada e são lidas, habitualmente.

40. Deve-se ter em mente a solenidade do momento. Deve-se evitar ao extremo que se pegue alguém faltando poucos momentos para a Celebração da Vigília para realizar uma leitura ou cantar uma resposta. Além de prejudicar a compreensão do povo, demonstrará desleixo e falta de cuidado pastoral. Há a necessidade de uma preparação prévia dos leitores que lerão cada um das leituras, como dos cantores que entoarão os salmos e os cânticos bíblicos de resposta.

41. Com toda a Assembléia sentada, o sacerdote brevemente faz uma alusão as Leituras que serão proclamadas (ele pode fazer as outras também, contanto que seja realmente uma introdução breve). Terminada, ele se senta. O Missal propõe o seguinte texto (MR p. 279):

Meus irmãos e minhas irmãs,

Tendo iniciado solenemente esta Vigília... Etc.

42. Pelo grande número de leitores, pode-se usar um dos ajudantes para levar e trazer cada um deles do banco para o ambão e deste de volta ao banco, fazendo sempre a reverência ao entrar e sair do Presbitério.

43. Terminada a leitura, o salmista sobe ao ambão para cantar à resposta a leitura na forma de um salmo ou outro cântico bíblico. Pode-se fazer o mesmo que para o leitor trazendo-o e levando-o do Altar.

44. Terminado o salmo, o sacerdote levanta-se, junto com os ministros e os fiéis. O Missal é apresentado a ele. O sacerdote então diz “Oremos” e faz um momento de silêncio, depois reza ou canta a oração designada para depois de cada leitura.

45. Pode-se retirar, por motivos pastorais, todos os cânticos de resposta (ou quando não há um coro ou cantores disponíveis, cf MR p. 279). Neste caso, se é dado um momento de silêncio após cada leitura. Terminado o silêncio o sacerdote levanta-se junto com o povo e diz “Oremos” e **não** faz um momento de silêncio, em seguida reza ou canta a oração designada para depois de cada leitura.

46. As leituras prosseguem normalmente. Terminada a última leitura do Antigo Testamento e sua resposta, o sacerdote realiza a oração como acima (n. 44 ou 45). Depois, segue-se o seguinte:

- a. O sacerdote ou cantores ou coral entoa o canto do “Glória a Deus nas alturas”.
- b. Enquanto se entoa o cântico do “Glória a Deus nas alturas” se soam todos os sinos da Igreja, pequenos ou grandes, segundo o costume.
- c. Um dos ministros toma uma vela e acende-a no Círio Pascal. Depois, ele irá acender as duas, quatro ou seis velas que estão no Altar.
- d. Ao término do canto do “Glória a Deus nas alturas” todas as velas (sem ser a do tabernáculo) ou luzes votivas da igreja deverão estar acesas.

47. Terminado o cântico do “Glória a Deus nas alturas”, novamente levam o Missal ao sacerdote que dirá a Oração do Dia, como de costume. Ele dirá “Oremos”, fará um momento de silêncio, depois abrirá os braços e rezará a oração (MR p. 283).

48. Segue-se a Epístola e seu salmo de resposta.

49. Terminado salmo, todos se levantam e, solenemente, o sacerdote entoa o “Aleluia”, sendo respondido pelo coro ou cantores. Se for necessário canto é feito diretamente por um cantor ou coral. Este canto deve ser realizado com muita solenidade, afinal, a Igreja está proclamando com ele a alegria pascal, a forma tradicional, então, parece ser a mais apropriada: o sacerdote (aqui podendo também ser um cantor) entoa o “Aleluia” por três vezes, aumentando o tom e a altura a cada uma delas.

50. O Evangelho, então é proclamado conforme em uma Missa Solene. **Não** se usam velas (o Círio Pascal é o centro neste momento). Se incenso for usado, o turíbulo é apresentado ao sacerdote normalmente.

- a. Se o diácono for proclamar o Evangelho, deve-se seguir as mesmas normas que a de uma Missa Solene.

51. Segue-se a homilia, mesmo que ela seja breve.

Liturgia Batismal

52. “A terceira parte da Vigília é constituída pela Liturgia Batismal. Agora, a Páscoa de Cristo e nossa é celebrada no sacramento. Isso pode ser expresso de maneira completa naquelas igrejas que têm a fonte batismal e, sobretudo, quando há a iniciação cristã dos adultos ou, pelo menos, quando se celebra o Batismo das crianças” (CCP).

53. Existem três possíveis formas para a Liturgia Batismal, dependendo dos seguintes fatores:

- a. Se a Igreja tem uma fonte ou Pia batismal e se celebrará algum Batismo (se criança ou adulto), usa-se a Primeira Forma.
- b. Se a Igreja tem uma fonte ou pia batismal, e não se celebrará o Batismo, usa-se a Segunda Forma.
- c. Se a Igreja não possui fonte Batismal usa-se a Terceira Forma.

Benção da água e Batismo (se houver)

Primeira Forma: Se há batizados e benção da água fonte (pia Batismal)

54. O sacerdote, terminada a homilia, chama o nome daqueles que serão batizados, e, depois de introduzi-los a Assembléia lê a primeira exortação dada pelo Missal (MR p. 283) ou outras semelhantes:

Caros fiéis,

Apoiemos com nossas preces... Etc.

55. Depois disso, o sacerdote, os ministros e os que foram chamados se dirigem para o Batistério, leva-se o Missal Romano, o Rito do Batismo, o Círio Pascal (pelo diácono ou um dos ministros), uma toalha para o sacerdote enxugar as mãos, velas para os batizados e a veste branca.

56. Deve-se tomar extremo cuidado ao se retirar o Círio Pascal de seu suporte porque, normalmente, parte da cera junto ao pavio já estará derretida e, em um movimento brusco, poderá ser derrubada ao chão ou, muito pior, em cima de um dos ajudantes. Deve-se tirar o Círio devagar e, se for o caso, deitar a cera derretida em algum recipiente.

57. Chegando ao Batistério começa-se a cantar a litania de todos os santos, porém, se o caminho entre o Presbitério e o Batistério for longo, pode-se cantá-la pelo caminho. O nome de alguns santos, especialmente o padroeiro, pode ser adicionado a Ladainha. Reza-se a petição: “Para que vos digneis dar a vida nova... etc.”, mas não a seguinte: “Para que santifiqueis... etc.” (MR p. 285).

58. Todos devem estar voltados ao Batistério e também “... todos respondem (a ladainha) em pé (por ser tempo pascal)” (MR p. 284).

59. Terminada a Ladainha um dos ministros apresenta ao sacerdote o Missal Romano e ele de mãos unidas reza a oração prevista (MR p. 285):

Ó Deus de bondade,
 Manifestai o vosso poder... Etc.

60. Voltado a Fonte ou Pia Batismal, o sacerdote de mãos unidas, diz a oração prevista, mergulhando o Círio uma ou três vezes na água, o povo responderá a oração com “Amém” e, ao retirar o Círio da água com a aclamação “Fontes do Senhor... etc.” (MR p. 286-287).

61. Terminado este rito, segue-se a renúncia ao demônio, profissão de fé e o Batismo, segundo o Ritual do Batismo. Depois, dá-se a cada um a vela acesa e segue-se o rito da veste branca (Elliot, p.294-298).

62. O sacerdote e os presentes permanecem junto à fonte.

Segunda Forma: Se não há batizados, mas, somente a benção da água fonte (pia Batismal)

63. Terminada a homilia o sacerdote introduz o Rito, conforme o Missal Romano (MR p. 283) ou usando outras palavras semelhantes:

Meus irmãos e minhas irmãs,
 Invoquemos sobre estas águas.

64. O sacerdote os ministros, levando o Círio, vão em direção a Pia ou Fonte Batismal (n.55-56). Canta-se a Ladainha de todos os santos, no caminho se for longe ou lá chegando (n.57-58), na Ladainha é feita a invocação: “Para que santifiqueis... etc.” (MR p. 285). O sacerdote reza a Oração sobre a água, mergulhando o Círio quando pedido, o povo exclama como de costume (n. 60).

65. O sacerdote e os ministros permanecem no Batistério.

Terceira Forma: Se há somente benção da água, sem benção da água na fonte

66. Quando há apenas benção da água, normalmente, o vaso que a contém estará no altar. O sacerdote, junto com os ministros, aproxima-se do vaso, um dos ajudantes lhe apresenta o Missal, de mãos unidas, ele reza as orações, fazendo o silêncio quando prescrito (MR p. 287).

67. Depois da benção, ambos continuam próximos a bacia

Renovação das promessas do Batismo e aspersão

68. Terminado o Batismo ou a benção da água, segue-se o rito da renovação das promessas do Batismo.

69. Os ajudantes pegam suas velas, acendem-nas no Círio e, ordenadamente e sem pressa, começam a acender as velas dos fiéis.

70. Estando todos com as velas acesas um ajudante apresenta o Missal ao sacerdote que introduz o rito com as palavras prescritas ou outras semelhantes (MR p. 288):

Meus irmãos e minhas irmãs,

Pelo mistério pascal... Etc.

71. Em seguida, escolhe uma das duas formas de renúncia ao demônio (MR p. 288-289). O povo responderá “Renuncio”.
 - a. “Renunciais ao demônio? Etc.”
 - b. “Para viver a liberdade dos filhos de Deus, renunciais ao pecado? Etc.”
72. Em seguida, o sacerdote prossegue com a profissão de fé (MR p. 289): “Credes em Deus Pai todo-poderoso, criador do céu e da terra? Etc.”. O povo responderá “Creio”. O sacerdote conclui com a oração prevista (MR p. 289): “Ó Deus todo-poderoso, Pai de Nosso senhor... etc.”.
73. Um dos ajudantes enche na pia, uma jarra com água benta. Segundo o costume, o sacerdote asperge o povo. Canta-se a antífona: “Vi a água saindo do lado direito do templo, aleluia!” (MR p. 290) ou outro canto de caráter batismal (CCP).
74. Seria bastante interessante que outro ajudante esteja alerta para o caso da água dentro do jarro do sacerdote se acabar, indo enchê-lo com mais.
75. Enquanto isso, se houve Batismo, os neófitos são levados de volta a seus lugares.
76. Ao terminar a aspersão o sacerdote secar-se, entrega a caldeirinha para um dos ajudantes e volta ao Presbitério com os ministros.
77. Sejam lembrados os fiéis que, ao realizarem devotamente a renovação das promessas do Batismo e, seguindo as normas costumeiras, lucram indulgência plenária.

Liturgia Eucarística

78. “A celebração da eucaristia forma a quarta parte da Vigília e o seu ápice, sendo de maneira plena o sacramento da Páscoa, isto é, o memorial do sacrifício da cruz e da presença de Cristo ressuscitado, plenitude da iniciação cristã, pregustação da Páscoa eterna” (CCP).
79. Mesmo depois de uma cerimônia longa, este coroamento deve ser realizado sem nenhuma pressa (CCP).
80. Omite-se o Creio
81. Se houve batizados, os neófitos podem ser convidados a tomar parte na Oração dos Fiéis, da mesma forma, que tomem parte na procissão de das oferendas (MR p. 290).
82. Usa-se o prefácio da Páscoa I (MR p. 421), recomenda-se o uso da Oração Eucarística I, II, ou III. Por ter o “Em Comunhão” e o “Recebei, ó Pai” próprios, além da sugestão de uma condução calma e solene dos ritos dada pelas orientações da Carta Circular Pastoral, parece aconselhável o uso do Cânon Romano (Oração Eucarística I, MR p. 469). Aconselha-se que se cante toda a Oração Eucarística, a iniciar-se do prefácio, até o embolismo (CCP).
 - a. Toca-se o sino ou sineta, normalmente, durante a Consagração.

83. “É desejável que a plenitude do sinal eucarístico seja alcançada na comunhão da Vigília Pascal, recebida sob as espécies do pão e do vinho” (CCP). No momento da Comunhão, são trazidas as hóstias já consagradas que estavam no outro lugar da reposição. Terminada a Comunhão, os cibórios podem voltar ao tabernáculo.

84. Termina a Missa, preferencialmente depois da Bênção Solene (MR p. 522), o sacerdote ou diácono canta ou diz “Ide em paz, e o Senhor vos acompanhe, aleluia, aleluia!” e o povo responderá “Graças a Deus, aleluia, aleluia!”.

85. A procissão volta para a sacristia normalmente: a cruz processional ladeada com velas a frente. Deve-se cantar um hino recessional glorioso e triunfante (Elliot, p.310).

MOVIMENTO LITÚRGICO

Apêndice 1 – Do Altar

Em alguns lugares convencionou-se manter o Altar desnudo até o momento do canto do Glória, onde ele é vestido. Isso não é uma tradição no Rito Romano, seja ele em sua Forma Ordinária ou Extraordinária. A rubrica de deixar o Altar desnudo na Sexta-Feira Santa não se repete para essa celebração, logo se entende que ele deve estar ornado com, ao menos, uma toalha branca, como pede o Missal. Assim, é considerado como erro litúrgico iniciar a Vigília Pascal com o Altar desnudo.

Se o costume for arraigado na comunidade é melhor que ele se torne uma para-liturgia realizada antes do início da Vigília Pascal.

Apêndice 2 – Das vestimentas sacerdotais

No antigo Rito Romano, aquele que teve o Missal publicado pelo beato João XXIII, o sacerdote iniciava a Vigília Pascal usando o roxo. Com a Reforma de 1970 essa norma foi abolida e o Missal cita, textualmente, que “o sacerdote e os ministros vestem paramentos brancos” (MR p. 270) antes do começo da Vigília.

Assim, a não ser que se esteja celebrando a Vigília Pascal usando a Forma Extraordinária do Rito Romano, é considerado como erro litúrgico o sacerdote começar a Santa Missa usando paramentos que não sejam de cor branca.

Apêndice 3 – Das imagens e das cruzes

Todas as cruzes ou imagens que foram veladas na Quaresma (normalmente, no início dela ou no Quinto Domingo) serão desveladas antes do começo da Santa Missa, durante a limpeza e ornamentação da Igreja e, preferencialmente, ao entardecer do Sábado. O Altar, ou altares, são cobertos com toalhas no mesmo momento.

Apêndice 4 – Da água do Batismo

A água batismal que fora durante a noite abençoada deve ser levada de volta a sacristia onde ficará guardada (devidamente selada) para ser usada nas celebrações Batismais ao longo do Tempo Pascal. Parte da mesma água pode e deve ser deixada na própria Pia ou Fonte Batismal ao final da celebração para que as pessoas levem para casa.

Na Missa do dia da Páscoa pede-se (CCP): “A missa do dia da Páscoa deve ser celebrada com grande solenidade. Em lugar do ato penitencial, é muito conveniente fazer a aspersion com a água benzida durante a celebração da vigília. Durante a aspersion, pode-se cantar a antífona *Vidi aquam* ou outro cântico de caráter batismal. Com essa mesma água convém encher os recipientes (vasos, pias) que se encontram à entrada da igreja.”

Bibliografia

ALDAZÁBAL, José. Instrução Geral sobre o Missal Romano terceira edição. Edições Paulinas, São Paulo, 2009.

BERGAMINI, Augusto, *Cristo, festa da Igreja – O Ano litúrgico*, Edições Paulinas, São Paulo, 1994.

CARTA Circular da Congregação para o Culto Divino. *Preparação e celebração das festas pascais*, 1988 in **BERGAMINI, Augusto,** *Cristo, festa da Igreja – O Ano litúrgico*, Edições Paulinas, São Paulo, 1994.

ELLIOT, Peter J. *Ceremonies of the Liturgical Year – According to the Modern Roman Rite*, Ignatius Press, San Francisco, 2002.

_____. *Ceremonies of the Modern Roman Rite Described*, Ignatius Press, San Francisco, 2002.

INSTRUÇÃO Redemptionis Sacramentum. Edições Paulinas, São Paulo, 2006.

MISSAL Dominical – Missal da Assembléia cristã. Edições Paulinas, São Paulo, 1980.

MISSAL Romano. Edições Paulinas – Editora Vozes, São Paulo, 1992.

SEMANA Santa: anos A,B,C. Paulus, São Paulo, 1989.